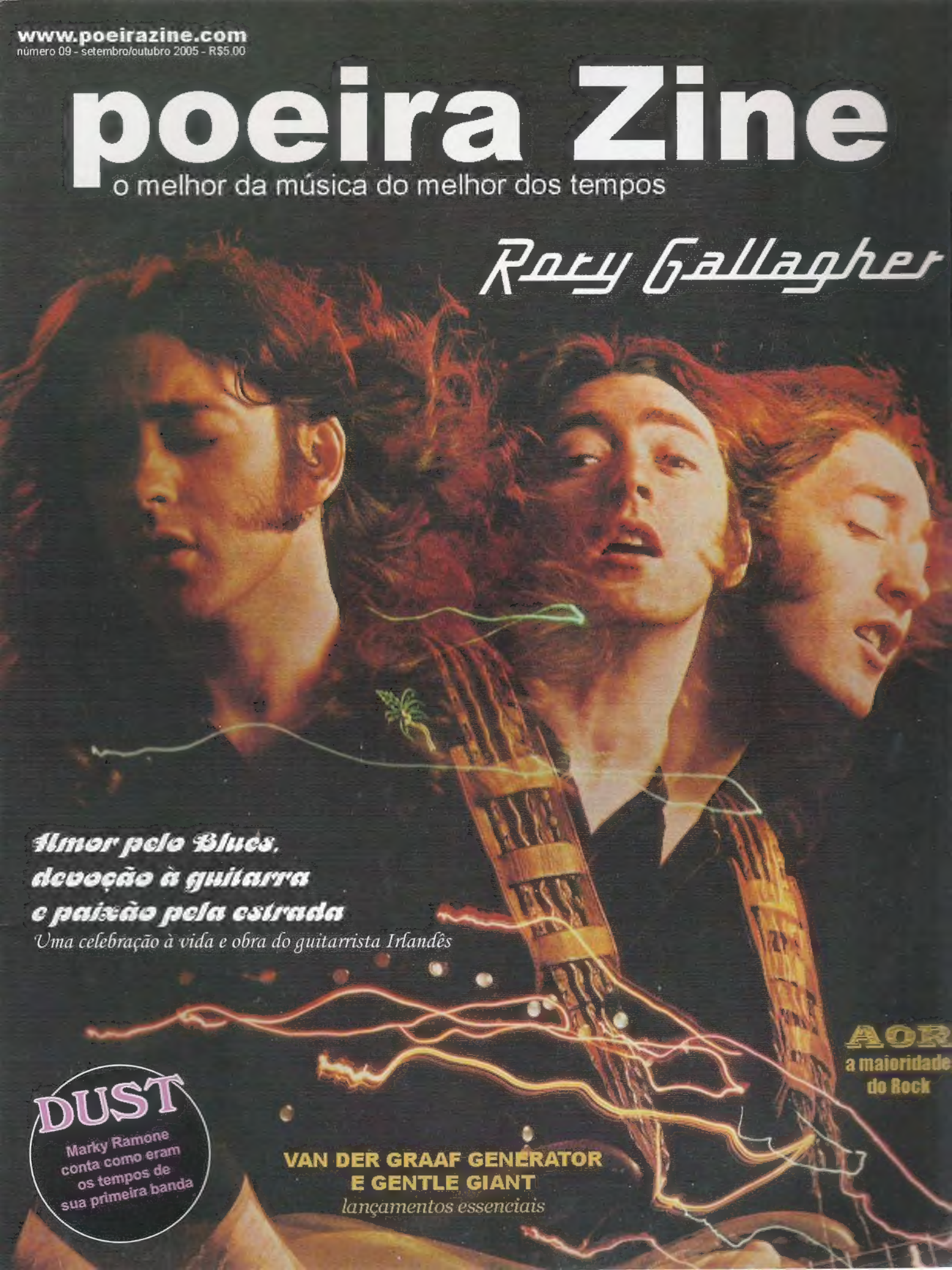
www.poeirazine.com
número 09 - setembro/outubro 2005 - R$5.00

poeira Zine

o melhor da música do melhor dos tempos



Rory Gallagher

Amor pelo Blues, devoção à guitarra e paixão pela estrada

Uma celebração à vida e obra do guitarrista Irlandês

AOR
a maioridade do Rock

DUST
Marky Ramone conta como eram os tempos de sua primeira banda

VAN DER GRAAF GENERATOR E GENTLE GIANT
lançamentos essenciais

EDGARD FROESE
Epsilon In Malaysian Pale
TDP009CD

IONA
Journey Into The Morn
OPENVP9CD

IQ
Live From London
IPDVD007

VOICEPRINT
THE BEST MUSIC YOU NEVER HEARD
www.voiceprint.com.br

ROCK • FOLK • PROGRESSIVE • JAZZ
PSYCHEDELIA • HARD ROCK • BLUES
Daevid Allen, Rick Wakeman, Hawkwind,
Gentle Giant, Bill Bruford, Anthony Phillips

info@voiceprint.com.br
Tel / Fax +55 (0) 11 5533 5908
Caixa Postal 18295, São Paulo, SP, 04626-970

MOUNTAIN
Live in Texas 2005
VPDVD14

ANNIE HASLAM
The Dawn Of Ananda
VP356CD

SOFT MACHINE
Legacy Live in Zaandam
FGBG4517

CDs e DVDs
NOVOS E USADOS
COMPRA, VENDA E TROCA
Heavy metal, punk, rock em geral.
Atendemos todo o Brasil pelo correio
Galeria do Rock: R. 24 de Maio 62, Loja 366, 2° andar
São Paulo/SP. CEP 01041-000 Fone: (11) 3362-1910
www.sowhatcd.com.br

www.kingcrimson.com.br
O único site brasileiro dedicado ao Rei Escarlate

História do grupo - Discografia comentada - Letras traduzidas - Fotos
Ouça álbuns dos integrantes - Assista shows completos - Salas de bate papo

13 ANOS DE PERSONALIDADE,
BLUES E ROCK 'N ROLL.
Av. Andrade Neves, 2042 - Campinas - SP
F: (19) 3242-8166 / www.deltabluesbar.com.br

Loja 1: Galeria do Rock - Rua 24 de Maio, 62 - Loja 305 - Fone/Fax: (11) 222-0284
Loja 2: EM&T - Andar Térreo - Fone: (11) 5011-8898 aqualung@aqualung.com.br

mister sebo

CDs - LPs - DVDs - livros e revistas de música - quadrinhos
compra - venda - troca

tel: (11) 5506-2534 mistersebo@gmail.com

r. guararapes, 1616 - brooklin novo - são paulo - sp

DUNNO CDs & DVDs

Clássicos do Rock - Progressivo
Blues - Jazz - Guitarristas

(11) 3337- 0322

Galeria do Rock
Rua 24 de Maio, 62 - Loja 371 - 2º andar - São Paulo - SP
www.dunno.kit.net

RARIDADE DISCO
raridadedisco@mailbox.as
LP's e CD's - Compra e Venda
Alameda Dr. Carlos de Carvalho, 263 - Loja 12 - Gal. do Comércio - Curitiba/PR - F: 41-3223-0316

Jardim Elétrico
CDs & LPs
www.jardimeletricodiscos.com.br

Compra - Venda - Troca
Fone: (11) 3331-7937
Galeria do Rock
Rua 24 de Maio, 62 - Loja 284 - 1º andar - São Paulo - SP

PENNY LANE DISCOS
www.pennylane.com.br cd@pennylane.com.br
Psicodélico - Rock Progressivo - Folk - Rock - Blues - Jazz - Hard
LP's - CD's - DVD's / Novos e Usados
Rua Corrêa Dutra, 99, Loja 5, Catete, Rio de Janeiro/RJ
Tels: (21) 2225-7348 e 2285-4833 Fax: (21) 2225-7347

SEBO SÃO PAULO sebosaopaulo@bol.com.br
CD'S - LP'S - Livros e Afins
Compra e Venda
Rua Taquari, 35A - Mooca -São Paulo - SP
(esquina da Rua da Mooca c/ Av. Paes De Barros) - Fone: (11) 6693-0664

STONED DISCOS
POA - RS
Raros e Importados
Compra - Vende - Troca
LP's / CD's / Vídeos
DVD's e Livros
Rua Mal. Floriano Peixoto, 371 - Porto Alegre - RS
Fone/Fax: (51) 3225-5136 - stonedcd@terra.com.br

COLLECTORS Rock Fair
LPs - CDs - VHS - DVDs - Livros - Gibis
Camisetas - surf ware - skate e acessórios
Importados - Raros - Fora de catálogo
compra - venda - troca
fone: (11) 5072-1776
Av. Jabaquara, 973, sobreloja - Pça da Árvore - São Paulo - SP

Sebo Jazz & Blues
LPs - CDs - DVDs - Camisetas - Fitas de Vídeo
Compra Venda e Troca / Novos e Usados / Todos os Estilos
Atacado e Varejo
Rua Teodoro Sampaio, 1071 (em frente a Pça. Benedito Calixto)
www.jazzblues.com.br - São Paulo - SP - Tel: (11) 3088-2376

RELICS DISCOS
CD's - LP's - DVD's
Novos e Usados
Enviamos para todo o Brasil via correio
Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar - Box 310
São Paulo - SP - CEP: 01041-000 - Fone/Fax: 223-1602

BOCA DO DISCO
Lp's , Cd's & DVD's
Compra - Venda - Troca
Novos e Usados
Fones: (51) 3228-7053/3028-1063
Fax: (51) 3028-0753
Rua Marechal Floriano Peixoto, 474 - Porto Alegre - RS

MECHANIX CDs
Compra, Venda e Troca
fone: (11) 223-8101
Galeria do Rock
Rua 24 de maio, 62 - 1º andar - Loja 252
São Paulo - SP - CEP:01041-000
e-mail: robsonse@terra.com.br

Acabei ficando com pouco espaço para o editorial...

Mas é o bastante para demonstrar toda a minha felicidade em trazer melhorias para a poeira Zine! São quatro páginas extras, novas seções e uma capa mais 'encorpada'. O que não muda é a qualidade das matérias, somente o melhor da música do melhor dos tempos!

O prazer de se prestar uma homenagem aos seus ídolos é algo indescritível. Daí o deleite ao falar um pouco da vida e da trajetória de Rory Gallagher, um guitarrista excepcional que ainda não obteve o reconhecimento merecido. Lá se foram dez anos da morte desse gênio da guitarra e a poeira Zine não poderia deixar passar batido esse momento.

Também nessa edição: uma entrevista com Marky Ramone falando de seu primeiro grupo de Hard, o lendário Dust. Um especial com os clássicos discos de AOR, um papo descontraído com Fábio Golfetti do Violeta de Outono, lançamentos do Van Der Graaf Generator e do Gentle Giant e um pouco da história do maestro Rogério Duprat.

Curtam bastante essa edição e nos vemos em dezembro.

Bento Araújo

www.poeirazine.com

Bento Araújo nasceu em 1976, é jornalista profissional e adora a música dos anos 60 e 70. É o editor da poeira Zine: escreve os textos, faz a diagramação, cuida da arte, do visual, faz "a social" com os anunciantes, distribui, faz correio, banco, responde os e-mails e as cartas e também limpa o banheiro da redação. Além de tudo isso, o cara ainda tira uma onda tocando contra-baixo pela noite paulistana, além de vez ou outra fazer um "bico" em alguma loja de discos em troca de raridades vinílicas. O Editor também oferece seus serviços jornalísticos e musicais a quem se interessar...

Editor e Jornalista Responsável :
Bento Araújo MTB 38344

Para saber mais sobre números atrasados, anúncios, assinaturas, pontos de venda e distribuição:
poeira Zine On Line: www.poeirazine.com

E-Mail: contato@poeirazine.com
Tel.: (11) 9526-7947

Caixa Postal 12089 - CEP 02013-970
São Paulo - SP - Brasil

Todas as matérias são de autoria do editor, exceto as indicadas.
As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores. Não refletindo portanto a opinião do editor.
Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio, sem a prévia autorização por escrito do editor.
Números atrasados, ao preço de capa da última edição, pelo www.poeirazine.com

poeira Zine - ano III - número 09
setembro/outubro/novembro de 2005

Colaboraram nesta edição: Sérgio Alpendre
Capa: Carol Penna e Bento Araújo
Revisão de textos: Patrícia Grillo
Fotos: Toni de Gomes (whodigital@hotmail.com), Divulgação e Reprodução.

Agradecimentos: Carmen, Carol, Tó, Padre Bento, todos os meus amigos aqui da Terra e do Universo, Deus, Vô Lázaro, Vó Edyr, Luiz Barata (Webmaster poeira), Patrícia Grillo, Diaz, João Pacheco, Daniel Atibaia, José Damiani, Júlia, Ray, Rogério Medusa, Cadinho e Sérgio Alpendre, Helton, Nivaldo, Fábio Golfetti, Luiz Domingues, Nélson, Normando (nº1 do blues), Magrão e Moacir, Bonfim, Carlinhos Apfel, Pedrão So What, Joe, João Paulo Andrade, Vladimir, Carlinhos Vinil 7, Wilson Queen e Zé, Danilo Mafer, Jorge, Daniela e Ernando (Moóca), Dr. Rock, Marco e Zé (Freenote), Leonardo e Rafael (Penny), Alcides, Orlando Hailey, Júlio Kondo, Renatão Kiss, Cahuê, Neigmar, Fábio Goiânia, Luciano Opus, Edinei, Riva de Campinas, Carlos Sensorial, Delta de Campinas (Alexandre e Giba), Antônio Carlos (site King Crimson), Marcelo St. André, Paulo (Sebo SP), Donizeti e Alê Cactus, Sérgio Sayeg e Teca, Jean Metal, Getúlio Boca, Ivan Stoned, Luiz (Roots), Alê (Museu), Fábio (Hiplace), Otaviano e Vera, Toni de Gomes, Dagoberto, Paulo e Marco, Fernando Freedom, Pedrão Feira St André, Elias Aftim, Róbson Mechanix, Marco (Mister Sebo), Horst e pessoal do Garimpo, Cláudio Fonzi e Marcão, Ezio, Sérginho, Danilo Hard Road, Rogério (Toca POA), André Christovam e Edú Gomes, Osny, Toninho e Tony (Brigade), Caio, Izal e Caça Níqueis, Rainer T. Pappon, Paulo Meyer e banda, Amauri e galera do Rocha Sólida e todos aqueles que vivem no alto astral e que acreditam no BEM!

poeira Zine *Fest*

Um tributo aos grandes nomes do Rock dos anos 70

Noite histórica de tributo:

Mountain / Lynyrd Skynyrd / Rory Gallagher

Participação de integrantes do Baranga, Tomada, Carro Bomba, Centúrias, A Chave do Sol, Quarto Elétrico, Garagem Hermética e Marcelo Watanabe Trio.

Distribuição de assinaturas da poeira Zine, CDs e camisetas.

Dia 27 de outubro - quinta-feira - a partir das 21 horas no
Café Piu Piu: Rua 13 de Maio, 134 - Bixiga - São Paulo - SP - fone:3258-8066

quem se foi...

these guys are gone but they're not forgotten...

Domenic Troiano

(James Gang/Guess Who)

17/01/1946 - 25/05/2005

Domenic Troiano nasceu na Itália e ainda bem jovem mudou-se com sua família para o Canadá, onde foi desenvolvendo uma grande paixão pelo Rock N' Roll.

Tudo começou a acontecer quando substituiu seu guitarrista preferido, Robbie Robertson, na banda de apoio de Ronnie Hawkins, o ídolo rockabilly do Canadá. Depois de oito meses, saiu da banda de Ronnie, mas continuava a tocar em muitos bares e clubes de Toronto, onde integrou as bandas: The Five Rogues, Mandala, Black Market e Bush. A cada passo, o estilo de Troiano ia sendo moldado. Sua rápida evolução musical era assustadora. Em 1970, já recebia elogios da crítica especializada norte-americana, que saudava o jovem guitarrista caracterizando-o como "único" e de extremo bom gosto.

Jim Fox e Dale Peters, a sensacional cozinha do James Gang, conferiu boquiaberta uma jam de Troiano ao lado de Eric Clapton num clube de Cleveland. Joe Walsh tinha acabado de abandonar o James Gang, então Fox e Peters convidaram Troiano para segurar a sonzeira pesada do trio. Eles queriam inclusive que Troiano fizesse também os vocais, mas o guitarrista achou melhor chamar um frontman, Roy Kenner, seu companheiro na banda Bush.

Com o James Gang, lançou apenas dois álbuns em 1972: *Straight Shooter* e *Passin' Thru*. Apesar de apresentar dois trabalhos de estúdio acima da média, ao vivo o grupo sofria com os antigos fãs, que não aceitavam a ausência de Walsh. Num show em Santa Monica, foram recebidos com uma chuva de ovos e tomates podres pela platéia!

Nessa época também lançou dois discos solo, os bacanas *Domenic Troiano* e *Tricky*, mais soltos e abertos ao Jazz e ao R&B.

Em 1974, integrou uma das maiores bandas de Rock do Canadá, o Guess Who, o que também lhe rendeu, posteriormente, participações nos discos de Diana Ross, Joe Cocker, Etta James, Todd Rundgren e outros. Lançou ainda, uma série de álbuns como solista, até criar seu próprio selo nos anos 90, quando passou a trabalhar com novos artistas e criou também muitos temas para programas de TV.

Causa da morte: Troiano convivia há mais de 10 anos com um câncer na próstata. Faleceu aos 59 anos de idade.

Pierre Moerlen

(Gong/Mike Oldfield)

23/10/1952 - 03/05/2005

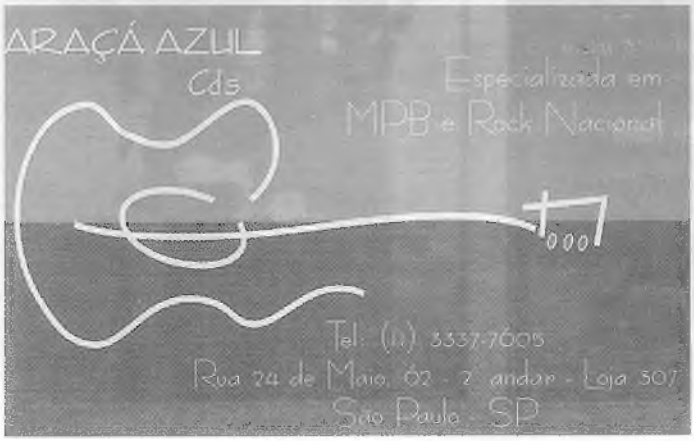
Tanto seu pai como sua mãe eram professores de música e com essa bagagem seria óbvio que Pierre se tornaria, no mínimo, um músico virtuoso. Começou no piano mas logo se apaixonou por bateria e percussão. Sua participação no Gong é histórica, *Angel's Egg* e *You* trazem a participação do genial músico na bateria e na co-autoria de diversos temas, tendo também a assessoria de seu irmão mais jovem, Benoit Moerlen, um especialista no vibrafone.

O Gong foi trilhando cada vez mais os caminhos do Jazz Rock, uma nova tendência que parecia predominante naquela segunda metade dos anos 70. Prato perfeito para Pierre se deliciar e tomar as rédeas da banda, rebatizada de Pierre Moerlen's Gong.

O músico também foi peça fundamental na banda de Mike Oldfied, e participou de alguns discos das bandas Slapp Happy / Henry Cow, Pekka Pohojol e Supersister.

Em 1978, assinou com a Arista, por onde soltou os álbuns: *Time Is The Key*, *Downwind* (com participações de Stevie Winwood e Mick Taylor), *Live* e *Leave It Open*. Nos anos 80 trabalhou muito, excursionando pela Europa e ressuscitando o Pierre Moerlen's Gong. Na década seguinte preferiu trocar a agitação desses projetos pelos musicais mais tradicionais, como *Evita* e *Les Miserables*. Em 1997, se juntou ao Brand X para uma tour pelo Japão e Europa e voltou ao seio materno do Gong, dessa vez ficando pouco e partindo dois anos depois.

Causa da morte: Pierre levava uma vida mais calma nos últimos anos, ensinando música e fazendo palestras e workshops sobre seu instrumento. A causa de sua morte ainda não foi esclarecida. Foi encontrado morto em sua cama. O músico andava super empolgado com os ensaios para uma nova versão de sua Pierre Moerlen's Gong, que contaria com a participação especial de seu irmão Benoit.



mundo bolha

breves curiosidades sobre o mundo do qual fazemos parte

Riffs que mudaram o mundo

You Really Got Me - The Kinks (1964)

Um detalhe que é muito discutido no ramo musical é o marco zero do Heavy Metal. Blue Cheer, Led Zeppelin, a letra de "Born To Be Wild" e o primeiro disco do Sabbath são os mais votados para abocanhar essa honra homérica. Porém, no longínquo ano de 1964, muito antes de todos esses, Dave Davies, o guitarrista dos Kinks, executou um Riff que não só se tornou o marco zero do Metal como também do Punk Rock.

Aquele "tã-nã-nã-nã-nam" distorcido, repetido continuamente, levantou o cabelo de todo mundo e deixou muitos pais, mães e avós com o ouvindo zunindo um bom tempo...

Depois de dois pífios singles fracassados, os Kinks estavam na marca do pênalti: se não provassem seu potencial comercial com o terceiro single seriam sumariamente dispensados de sua gravadora, a Pye Records.

Por incrível que pareça, Ray Davies compôs o riff no piano e logo seu irmão Dave transportou-o para a guitarra, imortalizando-o imediatamente. A versão original de "You Really Got Me" era mais lenta e influenciada pelo Jazz e pelo Blues, até que Dave Davies tacou uma gilete no cone de seu amplificador e conseguiu aquela distorção legendária.

O guitarrista usou uma Harmony Meteor vagabunda e um amplificador Vox AC-30, usado como cabeçote, emitindo sinal para um outro amplificador Elpico. Além das "giletadas", Dave havia furado os falantes com um lápis e espetou agulhas de costura pelo equipamento. A sonoridade ficou suja e distorcida, algo sequer sonhado pelas demais bandas inglesas do período.

Lista do Bolha

Já que bolha não vive sem lista, que tal mais essa:

15 PIORES NOMES QUE MÚSICOS BATIZARAM SEUS FILHOS

1-Dweezil, Moon-Unit, Diva Muffin e Ahmet Emukha Rodan *(filhos de Frank Zappa)*
2- Zabelê, Nanashara, Pedro Baby, Krishna Baby, Kriptus Rá e Riroca (que mudou seu nome para Sarah Sheeva!) *(filhos de Baby Consuelo e Pepeu Gomes)*
3-Dandelion *(Keith Richards e Anitta Pallenberg)*
4-Doremi Celeste *(Justin Hayward – Moody Blues)*
5-Dog *(Sky Saxon – The Seeds)*
6-Chadrika *(Chris Squire – Yes)*
7-Zowie Bowie *(David e Angie Bowie)*
8- Elijah Patricius Bob Guggi Q *(Bono Vox – U2)*
9-Prince Michael, Prince Michael II *(filhos "comprados" de Michael Jackson)*
10- Calico, Bataranga, Dashiell e Sonora Rose *(filhos de Alice Cooper)*
11-Jazz *(David Coverdale – Deep Purple/ Whitesnake)*
12-Karac Pendra *(Robert Plant – Led Zeppelin)*
13- God *(Grace Slick e Paul Kantner – Jefferson Airplane/Starship)*
14- Hendrix Halen Michael Rhoads Wylde *(Zakk Wylde – Guitarrista do Ozzy)*
15- Rolan Bolan *(Marc Bolan – T.Rex)*

Coincidências Estéticas

Jura que não é a mesma?

Roger Dean, o maior capista do Rock Progressivo mundial, talvez até hoje não saiba que em 1972, um de seus mais famosos desenhos foi usado por uma banda brasileira! O artista criou a capa sob encomenda para a banda Paladin. No Brasil, a gravadora Philips achou bonita a arte de Dean e a surrupiou na cara dura, embalando o primeiro álbum do grupo pernambucano Quinteto Violado.

Paladin Charge (1972)

Quinteto Violado (1972)

Adivinhe quem é?

Dica: ele foi vocalista de uma grande banda dos anos 70. Nos anos 80, tornou-se um sex symbol... Resposta só na próxima edição. As duas primeiras respostas corretas que chegarem via carta escrita levam uma camiseta da poeira Zine.

Antes da Fama – The Allman Joys

Do que se trata?
Nada mais nada menos do que o pré-Allman Brothers Band. A banda era liderada pelos irmãos Greg e Duane Allman que contaram com diversos músicos de apoio como Jackie Jackson (G), Bob Keller (Bx), Maynard Portwood, Tommy Amato e Ralph Balinger (Bt), Bobby Dennis (G) e Ronnie Wilkin (Piano).

Como começou tudo?
Greg se formou na escola e largou tudo para cair na estrada ao lado de Duane. A primeira tour deles foi exatamente com o Allman Joys, em 1964, pelos bares e espeluncas dos EUA.

E o Som?
Apesar do pessoal compor material próprio, nos shows, o destaque eram as versões para clássicos do Blues e do Soul Norte-Americano como "Spoonful" (Willie Dixon), "Crossroads" (Robert Johnson) e "I'll Go Crazy" (James Brown). Esses temas eram apresentados ao lado de sucessos dos british bands como "Help" (The Beatles), "Heart Full Of Soul" e "Shape of Things" (The Yardbirds), "The Last Time "(The Rolling Stones) e "We Gotta Get Out Of This Place" (The Animals).

O que aconteceu depois?
O auge do Allman Joys foi o ano de 1966, quando fizeram muitos shows e gravaram suas sessões de estúdio. No início de 1967, o grupo encerrou suas atividades. Greg e Duane trabalharam ainda com uma banda chamada Five Minutes antes de fundarem o Hourglass na seqüência, lançando dois discos. Depois do Hourglass o sucesso veio com o Allman Brothers Band.

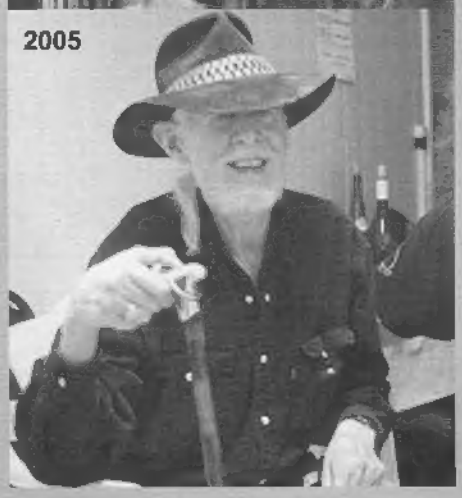
Curiosidades do período...
Butch Trucks, futuro baterista do Allman Brothers Band, conheceu Greg e Duane numa Jam ao lado do Allman Joys. O baterista tocava no grupo Bitter End que fazia o mesmo circuito de clubes dos Allmans. De tempos em tempos, Trucks até quebrava um galho como batera do Allman Joys.

Onde eu acho?
O exemplo mais clássico está no disco *Early Allman - The Allman Joys Featuring Duane & Gregg Allman*, lançado em 1973, pelo Mercury. Nele está quase todo o material de estúdio produzido pela banda, inclusive a famosa e genial sessão de estúdio produzida por J.D. Loudermilk. No formato digital, a caixa *Dreams* do Allman Brothers Band traz algumas faixas do Allman Joys.

Yesterday and Today

e o malvado tempo, sempre implacável

Johnny Winter



mundo bolha

Capas históricas

a história que somente uma capa maravilhosa pode contar

king Crimson * Lizard

Lançamento: dezembro de 1970 - Design: Gini Barris

Dentre as quase sempre maravilhosas capas do King Crimson, *Lizard* tem lugar de destaque. Bela, enigmática e super (bem) trabalhada, a obra original foi concebida pelo pintor Gini Barris, sob encomenda do letrista e iluminador Peter Sinfield. Amplamente e deliciosamente apreciada no formato vinil, a capa traz em letras medievais apenas o nome da banda, sendo que o "King" aparece na parte traseira, representando o lado B do LP e o "Crimson" na parte dianteira, representando a temática abordada no lado A. A parte interna, completamente gélida e assustadora, nada mais era do que um papel de parede imitando mármore, cortesia da Koraz Wallpapers.

Cada letra dessa tipografia mostra uma ou mais imagens, na verdade retratos das letras incríveis de Sinfield, como se toda a temática de *Lizard* ficasse à mostra no trabalho gráfico. Uma transparência raramente nítida nos trabalhos do genial agrupamento comandado por Robert Fripp.

Preste atenção na letra "i" da palavra "Crimson", ninguém menos que os Beatles estão presentes. George, Paul, John e Ringo, nessa ordem, que também marcam presença com seus pseudônimos na letra de "Happy Family". Ainda na palavra "Crimson", na letra "n" temos um Hendrix destro, apenas mais um (mero) detalhe que aliado a tantos outros faz de *Lizard* uma das mais enigmáticas capas de disco de todos os tempos. O som do King Crimson em *Lizard* parecia mesmo uma obra de arte, reflexo natural da extraordinária capa.

mundo bolha

breves curiosidades sobre o mundo do qual fazemos parte

Savoy Brown aportou no Brasil!

Tivemos um misto de honra e sorte em presenciar, em pleno ano de 2005, um dos ícones do Blues britânico dos anos 60, Mr. Kim Simmonds e seu Savoy Brown. Contando com 40 anos de estrada, Simmonds mostrou o motivo de ser colocado no mesmo patamar de caras como Eric Clapton, Peter Green, Alvin Lee e Stan Webb.

Para abrir o festival, tivemos Hélio Delmiro e o lendário John Hammond. Se o primeiro mostrou ser um excelente músico, porém completamente fora do contexto do festival, o segundo se sentiu praticamente em casa. Por quase uma hora, Hammond encantou a todos com seu feeling monstruoso, seu dobro, sua gaita, seu pé batendo no chão e seu magnetismo quase palpável. Em certas músicas, tínhamos a nítida sensação de estar ouvindo uma banda completa no palco. Era apenas Hammond e sua musicalidade transbordando pelos seus poros.

O Savoy Brown veio na seqüência e se apresentou como um trio, com Simmonds surpreendentemente assumindo também a função de vocalista. Ao seu lado, os mais novatos e nem um pouco inexperientes, Gerry Sorrentino no baixo e Dennis Cotton na bateria.

Simmonds e sua Gibson Les Paul levaram todos os presentes à loucura com temas clássicos da discografia da banda como "Teli Mama", "Lousiana Blues" (que riff!), "All I Can Do", o tradicional "Savoy Brown Boogie" e seus vários minutos de duração, "Leavin' Again" e mais algumas novas e ótimas composições que devem pintar no próximo disco do grupo, a ser lançado no início de 2006.

No final do show a banda agradeceu a hospitalidade brazuca, o nosso churrasco e a oportunidade de estar tocando por essas plagas. Não é a toa que quando as cortinas se fecharam os músicos se recusaram a abandonar o palco e passaram a cumprimentar os fãs das primeiras fileiras. Simmons autografava LPs clássicos do Savoy Brown (que alguns fãs orgulhosos exibiam) e uma garota distribuia "selinhos" em cada um dos integrantes. Um outro sujeito tocava uma guitarra imaginária e jogava cerveja para o alto. Parecia que os bons tempos estavam mesmo de volta...

Acorda Bolhão!

alguns bons motivos para você passar a curtir:

Chicago

regras básicas:

Primeiro de tudo: esqueça, anule, finja que você nunca soube de nada do que o Peter Cetera fez em sua carreira solo. Já é um grande passo para começar a ouvir o Chicago com "outros ouvidos"e perceber que na fase inicial da banda o negócio era bem diferente.

Tente esquecer também que seus pais ouviam "If You Leave Me Now" sem parar e ficavam se beijando na sua frente. Tente tirar da sua cabeça que Chicago é coisa de coroa babaca. É recomendável esquecer também que você ficava imitando o Daniel Sam do filme Karate Kid, enquanto de fundo rolava aquela "baba" do Peter Cetera.

Não dê atenção ao que os outros falam. Um dia desses eu estava numa loja de LPs e comprei o segundo disco do grupo, *Chicago II*. Na hora que fui pagar, o carinha da loja falou: "Nossa, Chicago! É bom? Sempre pensei que o som deles fosse bem brega e ruim, tipo Carpenters!" Se algo parecido lhe acontecer, simplesmente ignore. O cara não sabe o que fala.

Depois dessas dicas básicas de sobrevivência no "Universo Chicagueano", vamos ao que interessa. O Chicago era um super grupo formado por Peter Cetera no baixo, guitarra e vocais; Robert Lamm nos teclados e vocais; Terry Kath nas guitarras e vocais; Lee Loughnane na percussão, trompete e vocais; James Pankow no trombone; Walter Parazaider na flauta e vocais e Daniel Seraphine na bateria. No início de carreira eles imprimiam uma genial fusão de Rock com Jazz e até Funk. Os climas criados pelo entrosado naipe de metais eram de arrepiar com a cozinha praticamente brincando com estonteantes mudanças de andamento. Tudo isso ainda com uma forte e peculiar pegada Rock N' Roll. Todos integrantes da banda tinham formação clássica, eram grandes compositores e se davam bem não só no Rock, mas também no Pop e no R&B. O Rock era considerado por eles apenas um dos caminhos mais fáceis de se chegar ao sucesso.

virtudes dos caras:

Que outra banda que você conhece teve o culhão de lançar três discos duplos logo de cara e um quarto, ao vivo, que era quádruplo!

Até o décimo primeiro disco, eles simplesmente numeravam seus álbuns. Isso sempre causou uma certa confusão, desde a época do LP, onde essa numeração constava apenas na "lombada" da capa. No CD, a confusão aumentou, pois em nenhum lugar aparecia essa numeração. Para pedir qualquer CD no catálogo de importados é sempre uma luta descobrir "qual é qual". Constam apenas vários discos chamados apenas *Chicago*.

Segundo a Billboard, o Chicago é a segunda banda mais bem sucedida da América, só perdendo para os Beach Boys.

As edições em vinil eram super caprichadas. Capas muito bem confeccionadas, sendo que cada álbum trazia sempre um pôster gigante de presente para os fãs. *O Chicago VIII*, por exemplo, além do pôster, ainda trazia um transfer com o logo da banda para estampar uma camiseta.

Recentemente foram lançados em CD vários títulos da fase boa do Chicago, em edições remasterizadas e digipaks.

A partir do *Chicago VII* eles contaram com a percussão do brasileiro Laudir de Oliveira, que se tornou membro oficial do grupo. A banda até chegou a regravar uma canção do Marcos Valle.

O intuito dessa seção é simplesmente fazer você prestar atenção no que antes era ignorado.

Não vem que não tem

Os plágios descarados do mundo musical

All Right Now (Free)
X
Rock n' Me (Steve Miller Band)

Quem copiou quem?
Steve Miller surrupiou, na cara dura, o clássico riff da música do Free!

A versão original saiu quanto tempo antes?
Seis anos. Ela está presente no clássico disco *Fire and Water* do Free, lançado em 1970.

A original:
Sucesso no mundo todo, "All Right Now" é a marca registrada da banda inglesa. Jack Bruce chegou a declarar que "All Right Now" é o seu single favorito de todos os tempos. Agora que a faixa foi regravada e é tema de um comercial de TV, exibido no mundo todo, os plágios tendem a aumentar.

A cópia:
"Rock n' Me" faz parte do multi-platinado *Fly Like An Eagle* do Steve Miller Band, lançado em 1976. A faixa se transformou num dos maiores hits do músico alcançando até uma bela execução radiofônica.

ROLOU E FOI BOM

Shows que pintaram por aí

fotos: Toni de Gomes

PREMIATA FORNERIA MARCONI
(CREDICARD HALL)

O PFM veio e agradou. Franco Mussida com seus belos solos e declinados clássicos somado ao carisma do 'entertainer' Franz Di Cioccio, tocando bateria e cantando, foram os destaques. Nos camarins, Di Cioccio recebeu de presente de um fã uma camisa do Palmeiras. Sua reação? Beijou a camisa e exclamou: 'Palestra Itália!'

RAINER PAPPON TRIO
(CAFÉ PIU PIU)

Com um público caloroso e animado em plena terça-feira, Rainer e seu trio fizeram todo mundo se sentir praticamente em casa com o repertório de seu último álbum. A galera ainda curtiu versões ótimas para *Silvia* do Focus e *Red* do King Crimson. Mas daí vocês perguntam: "E Zappa, ele não tocou?" *Sleep Dirt* e *Black Napkins my friends*.

COMPÁCTA TRIO
(CAFÉ PIU PIU)

O quarteto desfilou sucessos do King Crimson e até algumas composições próprias! Foram aplaudidos efusivamente a cada tema apresentado por um público repleto de Frippmaníacos, Bruffordmaníacos, Wettonmaníacos, Sinfieldmaníacos, Lakemaníacos e demais insanos.

ANDRÉ CHRISTOVAM
(MR. BLUES)

André Christovam estava comemorando seu aniversário nessa noite no agradável Mr. Blues. Com um time de primeira, contando com a cozinha do Caça-Níqueis (Izal e Caio) e Edú Gomes também na guitarra, André apresentou temas clássicos do Blues como "Evil" e uma versão com 20 minutos de duração para "Mellow Down Easy", no melhor estilo Allman Brothers. André e Edú Gomes estão despontando como a melhor dupla de guitas da atualidade no país. Pure Feeling folks...

PAULO MEYER AND THE BURNING BUSH
(DELTA BLUES - CAMPINAS - SP)

Paulo Meyer e seus "parceiros de crime" detonaram no lendário Delta Blues Bar, em Campinas. Contando com uma nova formação que traz Alexandre Spiga nas guitarras e Mateus nos teclados, a Burning Bush fez todo mundo dançar com suas composições próprias e clássicos do Blues e do melhor Rock dos sixties. Depois de ver todo esse astral no palco e ainda bater um papo com Meyer (que ficou brother de Mr. Eric Burdon e do pessoal do Gov't Mule quando esses estiveram por aqui) só me resta um comentário... Feelin' Alright...

Falou e disse

Quem merece muito mais reconhecimento do que realmente possui é o Lemmy do Motorhead! Pessoas chegam pra mim e falam: Você é o rei do Heavy Metal! Eu simplesmente respondo: Se alguém é o rei do Metal esse alguém é o Lemmy Kilmister! Nada é mais pesado do que Ace of Spades!ƒ

Ozzy Osbourne colocando os "pingos nos is"

Eu amo o Peter Criss! Ele foi o primeiro baterista do Rock que usou uma grande bateria com vários tons e pratos! Na época em que o Kiss lançou seu primeiro Alive, todo mundo usava um kit simples como John Bonham e Joey Kramer (Aerosmith). Depois que o Peter Criss apareceu com seu kit gigante, caras como Neil Peart vieram na cola dele.ƒ

Charlie Benante (baterista do Anthrax) mostrando quem é quem no Rock

Phillip Lynott era um cara poderoso no meio musical não somente pelo fato de sua capacidade instrumental ou pelas suas fortes composições, mas também pelo jeito que ele encarava uma platéia. É por isso que essa volta do Lizzy sem Lynott soa como uma piada pra mim!ƒ

Brian Robertson (guitarrista da fase áurea do Thin Lizzy) falando nada mais do que a verdade

O Yes era uma banda Punk! No início de nossa carreira chegamos até a quebrar instrumentos no palco, como o The Who fazia...O Punk Rock é apenas uma coleção de idéias. O estilo surgiu atacando as bandas que estavam fazendo sucesso na época, como a gente. Posso garantir que sobrevivemos a tudo isso e ainda continuamos na ativa até hoje!ƒ

Jon Anderson (Yes) querendo parecer mais novo

No passado eu costumava andar armado. Duas ocasiões me fizeram crer que isso era a coisa certa a se fazer. Uma foi o lance do Charles Mason. Eu morava muito próximo da fazenda em que aconteceram os crimes. A outra foi o assassinato de John Lennon...Hoje em dia eu quero distância das armas...o Ted Nugent tem que ir para o Iraque!ƒ

Alice Cooper comentando sobre as manias do guitarrista de Detroit

Bolha do Mês

'Bolha' é o cara doente por música, segundo a mãe do bolha do editor

Se a poeira Zine fizer uma matéria com o Dust, eu vou aí em São Paulo, de bicicleta, pegar a minha edição. A música Thusly Spoken∫, do Dust, é a que mais tem cara do anos 70 entre todas as músicas que eu já ouvi até hoje. É impossível ouvir essa música e não se lembrar de Fittipaldi e suas grossas costeletas, de Geisel e sua cara fechada, da TV em preto e branco, do Chevette duas cores, do tênis kichute usado com short apertado, enfim, é uma viagem. E na música Learnig to Dief o riff de bateria é fenomenal. A gente encontra riff de guitarra constantemente, de vez em quando um riff de baixo. Mas riff de bateria, como no início dessa música, é raro. É de arrepiar. Com toda modéstia, esse disco e o Sweet Freedom, do Uriah Heep, são os únicos discos da história da música que merecem nota 10. Há muitos discos bons, tipo nota 9,9 ou 9,8, mas esses dois discos são únicos. Vou esperar também pelas reportagens sobre o Bang, Babe Ruth e quem sabe, sobre o Fairport Convention. E te dou a maior força para que empoeiremos o Brasil com uma edição mensal.

Onildo de Moraes Rezende, de Crixás, Goiás, via e-mail.

(Onildo, estamos esperando a sua visita para pegar sua edição com o Dust. Não se esqueça de calibrar bem os pneus antes da viagem...)

mundo bolha

alive and kickin

Jerry Lee Lewis gravou uma versão para "Rock n' Roll" do Led Zeppelin contando com ninguém menos que Jimmy Page na guitarra. O disco do bad boy se chama *The Pilgrim* e ainda traz participações de Mick Jagger, Keith Richards, Neil Young, John Fogerty, Ringo, Clapton e Rod Stewart, entre outros.

Quem pintar no show do ***Blackmore's Night*** pela Europa trajando uma vestimenta no melhor estilo 'medieval' paga só metade do ingresso.

Queen + Paul Rodgers acabaram de lançar um disco duplo ao vivo chamado *Return of the Champions*. Rolou também um single com "Fat Bottomed Girls" e "Tie Your Mother Down". O show do Queen com o maior vocalista de Rock do mundo foi votado como a melhor atração do ano pelos leitores da revista inglesa Classic Rock.

A Irlanda vai parar em Janeiro de 2006, quando se comemora (!) 20 anos da morte de ***Phil Lynott***. Gary Moore já está promovendo o show *The Boy Are Back In Town*, que estreou mês passado na Inglaterra. O espetáculo conta com a presença de todos os guitarristas que passaram pelo Thin Lizzy: Eric Bell, Scott Gorham, Brian Robertson e John Sykes, além, é claro, do batera Brian Downey. Quem também está faturando pela Europa são as bandas tributo Dizzy Lizzy e Limehouse Lizzy.

Já que o assunto é festa e comemoração, ***Lemmy Kilmister*** completa 60 anos em dezembro. O Motorhead por sua vez completa 30 anos também esse ano e a festa não para. No Hammersmith de Londres, a banda desenterrou o velho palco da tour do disco *Bomber* e chamou o Saxon e as garotas da Girlschool para a farra, como a 25 anos os ingleses não viam!

O ***Lynyrd Skynyrd*** precisou cancelar sua tour pela América devido a problemas com a garganta de Johnny Van Zant. O vocalista está com um pequeno tumor nas cordas vocais e precisou ser operado às pressas. O grupo estava dividindo o palco em alguns shows com o Allman Brothers Band.

Depois dos quatro concorridíssimos shows no Royal Albert Hall, o ***Cream*** se prepara para três datas em Nova York, agora em outubro.

Quem pode com esses dois gigantes ?

Gentle Giant e Van Der Graaf Generator

Duas bandas lendárias que ainda aguçam as novas gerações

*por Sérgio Alpendre **

Um é gigante já no nome. Um gigante simpático, prestativo, gentil: Gentle Giant. Uma banda nascida com o nobre intento de expandir os horizontes musicais. Perdeu-se numa tentativa de se adequar às regras de mercado, fazendo três discos mais fracos no final dos anos 70, mas mostrando sempre, e acima de tudo, uma tremenda vontade de alardear sua música, de tornar-se mais acessível, mas com o limite do que eles consideravam digno dentro da música.

Outro é gigante também no nome, mas por outros motivos. Um nome pomposo, de quatro palavras, três delas em homenagem a um conceituado físico. Um gigante preocupado também com a expansão dos horizontes musicais, mas bem mais orientado para coisas místicas, fruto de muito estudo e dedicação de seu mentor ao que nossos olhos não podem ver: Van Der Graaf Generator, banda de Manchester, considerada um pilar do estilo.

Duas bandas que uniram muito bem a experimentação com a exploração de melodias que cativassem o ouvinte de primeira. Ambas conseguiram respeito mesmo de quem não pode ouvir falar em rock progressivo. Duas bandas que voltam à crista da onda com lançamentos importantes para quem quiser entendê-las ou decifrá-las.

Pantagruel acordou...

Gentle Giant iniciou em 2005 uma série de relançamentos caprichados, começando com *In a Glass House*, chegando até *Missing Piece*, quem sabe até o *Civilian*. Mas o que é quente, e não teve repercussão alguma em mídia impressa é o DVD oficial do show na TV alemã, lançado pela Alucard em 2004, com o singelo nome de *Giant on the Box*: um verdadeiro presente aos amantes da boa música, e que permanece ignorado nos jornais e revistas, mais preocupados com as excentricidades de Jack White (do excelente White Stripes) ou com a atual crise daquele sujeito que lidera o Coldplay (banda mala também).

Ver o Giant no auge da carreira valeu a espera (a época é logo após o lançamento do clássico *Power and the Glory*, para mim, o melhor disco da banda, quiçá de todo o progressivo).

Antes só era possível em fitas VHS de péssima qualidade, com a imagem toda borrada, e mesmo assim já era um deleite. Podíamos também ver o show da BBC, na época de *Missing Piece*, mas já não era mais uma fase dourada para a banda.

Finalmente podemos ver claramente os ares de mistério de Derek Shulman, as caretas de John Weathers, Gary Green e Ray Shulman batendo os pés, muitas vezes desencontrados, a concentração de Kerry Minnear...músicos excelentes tocando com um prazer inacreditável, para uma platéia que, segundo contam, nem sabia do que se tratava. Arrumaram umas pessoas para fazer as vezes de público e aparecer no filme da TV alemã, gravado em um estúdio de Bruxelas, Bélgica. As pessoas não aplaudem o final de "Cogs in Cogs", mas na altura de "Funny Ways", a terceira faixa do DVD, já estão totalmente entregues à beleza das canções. Os músicos entregam-se, no final de "So Sincere", a uma orgia percussiva, com Gary se atrapalhando com as baquetas e Derek surrando um surdo. Um show inesquecível, o que me deixa triste por não poder ver mais momentos deles entre 1970 e 1976.

Os extras são bem interessantes, destacando uma entrevista numa rádio italiana. Uma ótima oportunidade para vermos quão piadistas e cientes de seus lugares na evolução musical do prog britânico eram os irmãos Schulman e agregados. Pessoal gente fina. Tem também um show nos EUA, para um programa de TV, muito parecido com o show de Bruxelas. A maior curiosidade é que o sorridente Ray fica sério e perturbado quando percebe que seu violino está desafinado. Kerry interrompe, Derek anuncia o incidente, e Ray recomeça "Funny Ways". Em outro momento raro vemos Gary e John fazendo um dueto guitarra e bateria semelhante aos do White Stripes (pronto, conexão estabelecida, guardadas as proporções). (Nota do editor: Calma pessoal, eu ainda vou dar um jeito nesse cara!)

Se é pra voltar, voltemos com garbo...

A inacreditável trupe de Peter Hammill fez mais: surgiu com um novo cd, só de inéditas. *Present* foi gravado no início do ano passado e lançado no início deste ano. Um cd duplo primoroso, tendo canções que caberiam perfeitamente em *Godbluff* ou *Still Life* no primeiro cd, e improvisos no estúdio, mais orientados para o jazz, no segundo. Do cd1, dá para destacar a bela voz de Hammill, já na primeira e excelente faixa "Every Bloody Emperor", e o sax sempre invasivo, pra nossa felicidade, de David Jackson. A instrumental composta exclusivamente por ele, "Boleas Panic" é de uma beleza ímpar, nada devendo aos melhores momentos da segunda fase da banda, circa 1975-1977.

As seis faixas são VDGG na quintessência: habilmente compostas para agradar em cheio aos antigos fãs e, de quebra, aproveitar-se do recente revival de rock progressivo para angariar novos seguidores. Talvez as melhores sejam: "Nutter Alert" e "Abandon Ship", além da já citada instrumental de Jackson, justamente as que mais se encaixariam nos discos clássicos. Mas não há um único momento que deixe dúvidas quanto ao grau de inspiração elevado deles na concepção do álbum.

O segundo cd é realmente um risco, pois a improvisação chega perto de um free jazz em alguns momentos, mas também é a prova cabal de que a banda tem fôlego para muitos outros discos. O tom monocórdico das faixas pode cansar, e só por esse motivo o segundo disco não é uma obra-prima de concepção e execução. Mas é reconfortante ver como a banda ainda está disposta a romper fronteiras, aproximando sua música de outros gêneros musicais como o jazz e a música dodecafônica (elementos já presentes desde *The Least We Can Do Is a Wave to Each Other*, o segundo LP). Na discografia da banda, *Present* só perde para os três discos clássicos, *(The Least we can Do, H to He e Pawn Hearts)*, ficando no mesmo elevado nível de *Still Life e Godbluff*. Que venham logo ao Brasil.

* **Sérgio Alpendre** escreve sobre cinema e música. É redator da revista de cinema Contracampo e mantém dois blogues: um sobre música (www.melomania.blogspot.com) e um sobre cinema (www.chiphazard.blogspot.com). Gosta muito de Rock Progressivo, mas não exclusivamente.

Moby Dick

CD'S e DVD'S
Nacionais e Importados

Jazz - Rock - Blues
Progressivo

COMPRA - VENDA - TROCA

Atendemos Via Sedex

Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar
Loja 364 - São Paulo - SP
Fone: 222-8517 - Fax: 3362-1912

HALLEY

especializada em
ROCK PROGRESSIVO e
Hard-PROG

Remetemos pelo correio para todo o Brasil em pacotes registrados e com seguro - Confiram em nossa Home Page a seção de promoções
Atendemos pela Internet
Atualizações semanais

www.halleydiscos.com.br
halley@halleydiscos.com.br

Tel/Fax: (21) 2551-1697
Rua Senador Vergueiro 218, Loja 15
Flamengo - Rio de Janeiro - RJ

STAND UP
www.standup-music.com.br

Progressivo, Hard Rock,
Psicodélico, Jazz, 60's & 70's

Atendemos pelo correio para todo o país

Tel: (11) 3362-1561 / 8519-9107
Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar - Loja 368
Cep:01041-000 - São Paulo - SP

Rory Gallagher

o defensor do Blues

Você não precisava ter conhecido o cara pessoalmente para sacar que ele era um baita de um sujeito gente fina! Basta olhar uma única foto de Rory Gallagher para perceber como ele era bacana. Se você ouvir um disco de Rory vai sacar que o guitarrista era mais do que apenas um cara legal. Agora se você ouvir todos os discos de Rory na seqüência, (como eu acabei de fazer) vai sacar que Rory não era somente um cara legal, bacana e gente fina, era também um mestre da guitarra, um gigante do Blues e uma referência para o instrumento. Dez anos se passaram desde a sua morte, mas a obra de Rory continua tão imponente e eficiente como sempre foi. Em seus 14 álbuns oficiais demonstrou seu estilo próprio de tocar e amar o Blues. Imprimiu suas raízes irlandesas e suas frases magníficas de guitarra. Na Irlanda, um dito popular famoso é aquele: "Primeiro vem Jesus, logo depois vem Rory..."

[illegible] conhecida por ser ocupada por humanos a mais de 9.000 anos! Rodeada por montanhas pelo mar gelado do norte, a pescaria é a principal atividade [illegible] preservar a cultura Gaélica até os dias de hoje.

Sou filho [illegible] ao cristianismo.

Na música? William Rory Gallagher.

Aos seis anos de idade o garoto já fuçava [illegible] sintonizar rádios militares norte-americanas que tocavam Blues. Assistir Elvis ao vivo na TV, ouvir discos de Chuck Berry, Leadbelly, Muddy Waters e Lonnie Donegan também foram peças marcantes no amago musical de Rory.

Dois anos mais tarde, a família Gallagher muda-se para Cork, [illegible] encantadora cidade serviu de paisagem para o garoto começar a "pintar" sua música, quando aos nove anos ganhou sua primeira guitarra elétrica. Antes disso ele apenas divertia os familiares fazendo imitações de Roy Rogers e Gene Autry com uma guitarra de plástico.

A paixão do garoto pela música fica evidente quando ainda na escola começa a participar de festivais e das famosas "batalhas" entre as bandas dos alunos. A coisa toda fica mais séria quando Rory vê um anúncio no jornal. Era uma big-band que necessitava de um guitarrista. Naqueles tempos, as big-bands já eram coisa ultrapassadas na América, mas na Irlanda e no Reino Unido [illegible] atração obrigatória nos bailes mais populares.

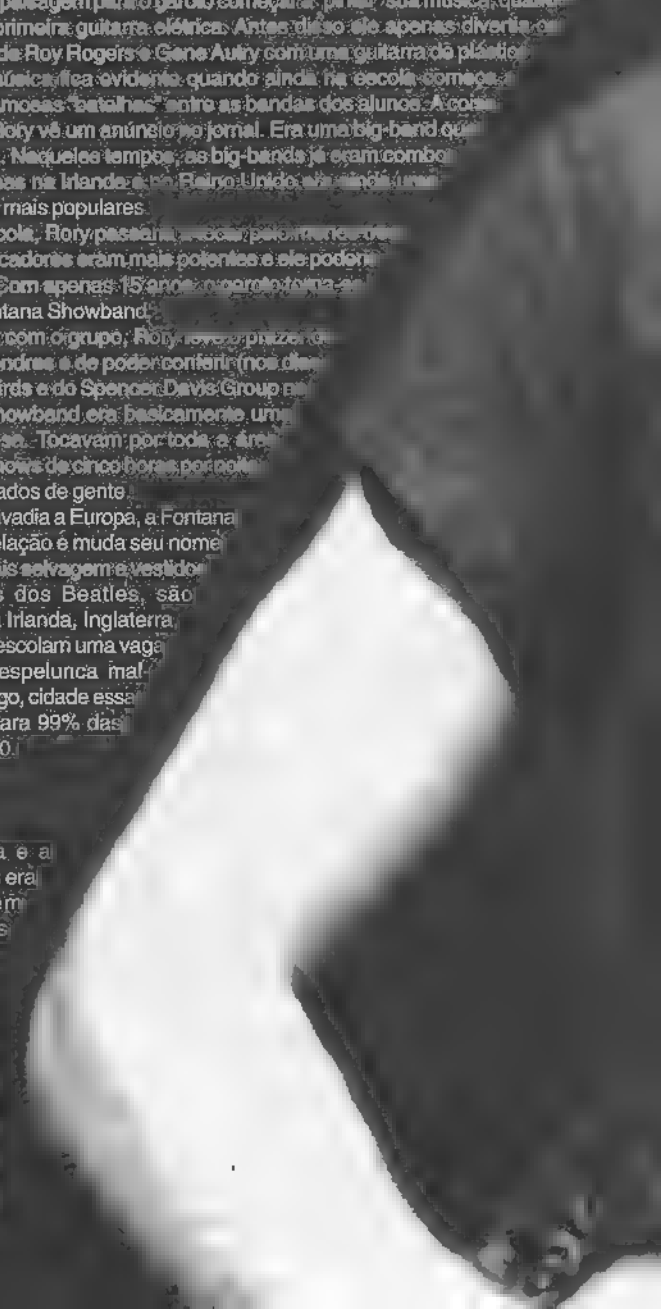
Além de ser uma ótima escola, Rory passa [illegible] vezes por semana. Os amplificadores eram mais potentes e ele poderia sair em tour por todo o país. Com apenas 15 anos [illegible] guitarrista da famosa The Fontana Showband.

Nos dois anos que passou com o grupo, Rory [illegible] tocar pela primeira vez em Londres e de poder conferir (nos dias de folga) os shows dos Yardbirds e do Spencer Davis Group no Marquee Club. A Fontana Showband era basicamente uma instituição da música irlandesa. Tocavam por toda a área campestre do país, fazendo shows de cinco horas por noite, sempre em galpões rurais lotados de gente.

Com a explosão Beat que invadia a Europa, a Fontana Showband sofre uma remodelação e muda seu nome para Impact. Com um som mais selvagem e vestidos nos moldes dos terninhos dos Beatles, são agendados shows por toda a Irlanda, Inglaterra, Espanha e Alemanha, onde descolam uma vaga de banda residente numa espelunca mal cheirosa e imunda de Hamburgo, cidade essa que serviu de "laboratório" para 99% das bandas britânicas dos anos 60.

O Gosto do Blues

A atmosfera era pesada e a concorrência entre os grupos era acirrada. Todo mundo em Hamburgo abandonava os ternos e passava a trajar o couro negro de James Dean e Marlon Brando. Rory insistia em querer reduzir o Impact a um trio, formação ideal para o som que o guitarrista moldava. Os empresários resistiam ao formato pouco usual para a época e também implicavam com a guitarra amarfanhada de Gallagher.



Uma Fender Stratocaster toda detonada e descascada marca o músico até seus últimos dias.

De volta a Cork, no ano de 1966, o impacto foi desfeito, mas o incansável Gallagher conheceu dois músicos que também estavam encerrando suas atividades com uma Big-Band, o baixista Eric Kitteringham e o batera Norman D'Amery. O entrosamento foi imediato e como a nova tendência eram os trios pesados como o Cream e o Jimi Hendrix Experience, montam um trio chamado Taste.

Com a grana cada vez mais escassa em Cork, se mandam para Belfast, onde o Them de Van Morrison parecia ser uma luz no fim do túnel para toda banda iniciante. Eles haviam estourado por toda a Europa e tinham até compactos lançados na América! Era extremamente aconselhável ficar perto desses caras!

No começo de 1968 as coisas melhoram e o Taste é convocado para abrir os shows de Captain Beefheart em Nottingham. John Wilson vem para a bateria e Richard 'Charlie' McCracken vem para o baixo. Com essa formação abrem o show de despedida do Cream no Royal Albert Hall e lançam dois álbuns: *Taste* em 1969 e *On The Boards* em 1970.

O forte do trio era mesmo os shows ao vivo, tanto que são convidados para abrir a tour norte-americana do Blind Faith e se apresentam no lendário Festival da Ilha de Wight.

Com o Taste, Rory Gallagher se tornou o maior ídolo da música irlandesa até então. Mais do que um simples guitar hero, Rory era um embaixador do Blues no país. Um ídolo que mostrava a todos os jovens que com uma guitarra aliada a uma boa dose de persistência, qualquer um poderia chegar lá. (Nota do editor: por questões de espaço não iremos nos aprofundar muito na trajetória do Taste. Fica para uma próxima edição.)

Gravando com o dinheiro da mãe.

Rory era tímido demais para deixar claro que estava desapontado com a "cozinha" do Taste. O gentil guitarrista preferiu abandonar tudo e apostar numa carreira solo do que fazer mudanças no Taste. Para a empreitada convoca dois ex-integrantes da banda Deep Joy, o baixista Gerry McAvoy e o baterista Wilgar Campbell. Nos teclados, o amigo Vincent Crane, do Atomic Rooster, também se junta ao time. Para entrosar toda essa galera, aluga um estúdio barato e pequeno e passam o dia ensaiando. Em algumas sessões convida músicos como Noel Redding e Mitch Mitchell para fazer umas jams.

Com dez temas na bagagem, rouba dinheiro da mãe para bancar as sessões de gravação e se manda para o Advision Studios, registrando em poucos dias sua intimista estréia. Solos de guitarra e vocais gravados ao vivo, visando uma economia necessária na época. Sem perceber, Rory acabou dando um agradável despojamento no resultado final. Para gravar sua guitarra, usou um pequeno amplificador da Fender com um falante de apenas 12 polegadas. Gênio!

A auto-intitulada estréia serviu para mostrar ao mundo que ele poderia caminhar muito bem sem o Taste e que poderia ir muito além das limitações que o seu antigo trio lhe trazia.

Com a liberdade criativa a mil por hora, quando o lançamento do primeiro álbum estava se concretizando, Rory já estava pensando no próximo. Teria que ser mais cru e rústico. Não tão organizado e preciso como a estréia, teria que vir embebido com o feeling das apresentações do guitarrista. Nesse astral solta *Deuce*, lançado apenas seis meses depois da estréia.

Com uma sonoridade que agradou em cheio seu criador, Deuce era o portfólio que Rory tanto buscava montar. Era seu cartão de visitas para brilhar nos palcos de toda a Europa e dos EUA, onde abre shows de Frank Zappa e Buddy Miles.

O guitarrista sempre declarava que seu principal combustível era a energia de uma platéia. Quando ficava muito longe dos palcos, Gallagher praticamente adoecia. Isso realmente significava muito para aquele cara.

A energia que vinha das apresentações.

Em fevereiro e março de 1972, são registradas uma série de apresentações pelo velho continente. O material é lançado logo depois com o nome de *Live In Europe*. Foi com esse disco que Rory passou a ter uma aceitação no mercado norte-americano. Além de solos faiscantes e precisos, o guitarrista não abria mão de utilizar com maestria o slide, o violão com cordas de aço, a gaita e o bandolim. Batendo o pé no chão e fazendo a platéia delirar, mesmo nas faixas acústicas a energia que passeava pelo corpo do irlandês era assustadora.

Para coroar a boa fase, Gallagher toma o lugar que foi de Clapton por muitos anos seguidos e é escolhido o melhor guitarrista da Inglaterra pelos leitores do semanário Melody Maker. Aproveitando o embalo e as vendas, a Polydor lança na Ilha dois discos ao vivo de Rory ao lado do Taste: *Live Taste* e *Live At Isle Of Wight*.

Quando tudo começa realmente a engrenar, uma tragédia envolvendo o guitarrista do Stone The Crows, Les Harvey, abala profundamente Rory Gallagher. Amigo pessoal de Les (irmão do genial Alex Harvey), Gallagher começou a tomar mais cuidado com a qualidade de seu equipamento. Les morreu eletrocutado na frente de 1.200 pessoas, num show no País de Gales e isso era demais para a cabeça de Gallagher. O irlandês naturalmente já morria de medo de subir no palco, depois de uma tragédia dessas então, esse pavor só aumentou. "Les levou aquele choque fatal por causa de um encordoamento de má qualidade que estava em sua guitarra! Isso causou marcas permanentes em mim! Que forma mais estúpida de morrer! Passei a ficar muito tenso cada vez que tinha que subir no palco e posso garantir que também levei vários choques durante todos esses anos" declarou o guitarrista numa revista inglesa da época.

Pouco depois do acidente com Les Harvey, o baterista Wilgar Campbell pula fora da banda de Rory, que por sua vez testa Rod de'Ath, um baterista que estava dividindo apartamento com o baixista Gerry McAvoy. Rory aproveita o embalo de novas contratações e chama Lou Martin para o piano. Martin vinha de Belfast e tinha passado pela banda Killing Floor, um belo exemplo de blues pesado bem britânico.

Essa foi sem dúvida a melhor banda montada por Rory Gallagher. Agora ele mostraria porque vinha sendo considerado o melhor "slide player" do mundo, ao lado de Duane Allman e Johnny Winter.

[illegible] a melhor Taste

Para o desespero de Rory, longas excursões ao lado do Deep Purple pela América começavam ser agendadas pelo seu irmão e empresário Donal. Isso significava muitas horas dentro de um avião e arenas lotadas. O tímido guitarrista tinha pânico de aviões e não trocava o clima intimista de um pub esfumaçado por um grande ginásio ou estádio. Mesmo com essa insegurança o negócio era seguir em frente e aproveitar a excelente fase.

Em 1973, solta dois registros, *Blueprint* e *Tatoo*. O primeiro mostrava as novas possibilidades rítmicas e melódicas exploradas pelo quarteto, um enorme passo em relação aos discos anteriores. Já o segundo mostrava que insegurança era coisa do passado. Rory e sua banda eram páreos para qualquer mega grupo de Rock do período. Tanto que o guitarrista foi convidado para integrar bandas como o Rolling Stones e o Deep Purple e recusou ambas as ofertas, afinal de contas, o estrelato definitivamente não era a sua praia.

O prestígio desfrutado pelo músico só vinha aumentando com o passar do tempo. Participações em álbuns de Jerry Lee Lewis e Muddy Waters e elogios de gente como John Lennon e Mick Jagger passavam a ser rotina. Nada que fizesse Rory abrir mão de sua Guiness, de sua guitarra gasta e detonada ou mesmo deixar de usar suas tradicionais camisas de flanela

A paixão pela Irlanda

Naquela primeira metade da década de 70, talvez fosse mais tranqüilo tocar no Vietnã do que na cidade irlandesa de Belfast. Mortes, bombas, atentados, soldados em toda esquina. Esse era o cenário de Belfast. Há um bom tempo não acontecia um show de Rock pela cidade. Bandas como o Mott The Hoople e o Fairport Convention cancelavam suas datas, temendo atentados do IRA. O transporte encerrava suas atividades as oito da noite e o estado era de praticamente uma calamidade pública devido às lutas político-religiosas dos partidos locais. Quem seria louco a ponto de tocar num lugar desses? Somente um cara que fazia questão de entreter os jovens de Belfast no meio das bombas. A música e a imagem de Rory são tratadas como algo sagrado até hoje em Belfast. Sites em homenagem ao músico são postados de lá. Festivais anuais de música são realizados na cidade para homenagear o ídolo.

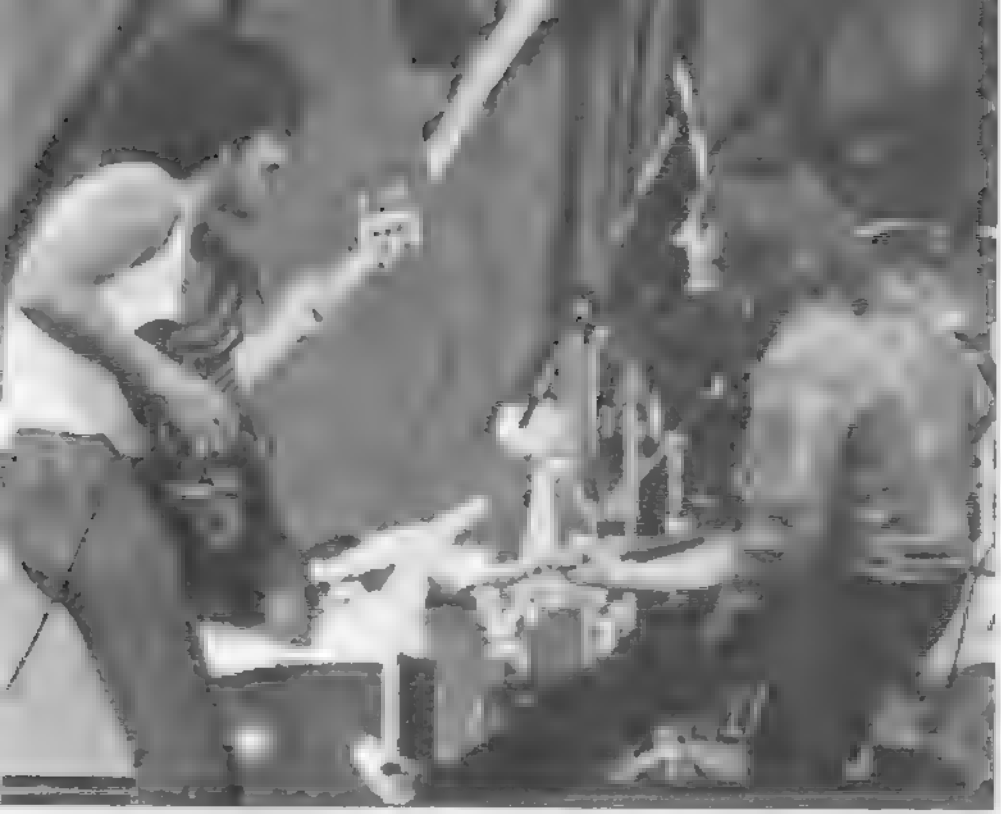
Um astro do rock que fazia questão de se arriscar pelo seu pessoal e levar um pouco de alegria para aquele povo tão sofrido

Todo ano, na época das festas de fim de ano, Rory exigia que seu irmão agendasse uma pequena tour pelo interior da Irlanda. Ele tocava praticamente de graça em fábricas abandonadas, cinemas, igrejas, escolas bombardeadas e até galpões, levando o blues e o rock para um povo simples e carente de diversão. Muitos nem tinham contato com a música. De uma tour dessas pela Irlanda saiu o disco, e o filme, *Irish Tour 74*, um momento histórico da carreira de Gallagher e do Rock.

"Casa nova"

Depois de três anos na estrada com o mesmo time, dois discos de estúdio em apenas um ano e mais um registro duplo ao vivo, Rory Gallagher pára por algumas semanas para respirar e encarar a segunda metade da década em que mais brilhava. O primeiro passo é mudar de gravadora, mas nada muito complicado e estressante. O contrato com a Polydor tinha expirado e a Chrysalis fez uma boa oferta.

Em seu novo lar, Gallagher tinha total liberdade para compor e arranjar seu novo disco de estúdio, que veio em 1975, com o título de *Against The Grain*. Nos EUA Rory brilha em rede nacional, tocando no famoso programa Don Kirshner's Rock Concert e dividindo o palco com Jethro Tull, Robin Trower e Camel. No ano seguinte, Roger Glover (então ex-baixista do Deep Purple e que despontava como um bem sucedido produtor) vem para trabalhar na produção de *Calling Card*, outro ponto alto da carreira de Gallagher. Rory e Glover ficaram amigos desde a época em que o guitarrista irlandês abria as tours do Purple mundo afora. No meio das gravações, Rory participa como session-man dos ensaios do disco *Black And Blue* dos Rolling Stones. Os Toxic Twins queriam Rory na banda, mas os compromissos são muitos, inclusive com uma tour japonesa agendada. O irlandês não queria colocar sua carreira solo na geladeira, sendo obrigado a recusar o convite para integrar os Stones. Também em 1976, a Springboard Records lança um álbum com o nome de *Take It Easy Baby*, contendo gravações inéditas do Taste, feitas em 1967.



O disco até hoje confunde os fãs de Rory, já que foi lançado com diversos nomes: *Taste First* (pela BASF na Alemanha), *In The Beginning* e *Taste of Rory Gallagher* pela Emerald Records. Apesar de muito difícil de ser encontrado, é aquisição obrigatória para quem admira o trabalho do guitarrista.

Aventuras estradeiras

Na América, os shows não param com Rory fazendo sua décima tour pelo país e se gabando de ser o primeiro artista a ter um show transmitido ao vivo via satélite para toda a Europa.

O irlandês "nômade" da guitarra passava mais tempo no palco do que fora dele. Muitas aventuras interessantes aconteciam bem em cima do palco. Durante um show na Itália, por exemplo, Rory corria e agitava por todo o palco. Subitamente ele perdeu o equilíbrio e caiu do palco de uma altura considerável. A sorte é que o músico conseguiu se agarrar numa barra de aço e ficou pendurado até conseguir voltar ao palco depois de uns minutos. A galera aplaudiu muito e no dia seguinte os jornais elogiavam a "performance acrobática" do guitarrista. Numa outra ocasião, em Nottingham, o palco é invadido pelos fãs, enlouquecidos pela atuação da banda. Tom O'Driscoll, segurança pessoal de Gallagher, começa arremessar os fãs de volta à pista. Com o som rolando solto e alto, Tom acabou empurrando o próprio Rory, com guitarra e tudo para o meio da platéia, um autêntico "stage-dive guitarrístico". Rory não se incomodou e continuou tocando no meio da galera numa atitude rocker máxima.

Agora confusão mesmo, foi o que rolou num estádio de futebol na Grécia. Rory e banda acabaram se metendo num gigantesco tumulto. Como os ingressos estavam esgotados, muitos fãs foram obrigados a ficar do lado de fora do estádio e teve início o quebra-quebra. Restaurantes e mercados foram saqueados e carros queimados, até que a polícia não conseguiu conter uma invasão e foi obrigada a reagir com bombas de gás lacrimogênio contra o público. Com o show interrompido às pressas, no backstage Rory não tinha noção de quem iria protegê-lo e de quem iria atacá-lo! O jeito foi se meter num táxi e fugir para o hotel. O pesadelo ainda não havia terminado quando, então, acabou a gasolina do veículo e a banda foi obrigada a sair correndo pelas ruas em chamas, rumo ao hotel, em meio aos fãs revoltados! Rory chegou a comentar alguns anos depois que essa foi a vez que ele mais sentiu medo em toda sua vida e que teve certeza que não sairia vivo daquela.

Hora de mudar

Nos últimos meses de 1977, Rory e sua banda passam seis semanas num estudio localizado na ensolarada São Francisco, gravando seu novo álbum, que seria batizado de Torch. Rory insatisfeito com o resultado final desfaz sua banda e põe o disco na gaveta. (Uma faixa desse "disco secreto" é *Wheels Within Wheels*, carro chefe de um disco de mesmo nome lançado por Donal Gallagher em 2003).

Como as vendas continuam boas, uma gravadora espertalhona solta mais um disco ao vivo do Taste, *In Concert*.

Dessa vez o trio irlandês colocava o Marquee abaixo, nesse belo registro gravado em 1968.

Com a explosão Punk pela Europa, o guitarrista resolve voltar ao formato trio, dispensando o uso de teclado. O baixista Gerry McAvoy permanece no time e Ted McKenna (ex-The Sensational Alex Harvey Band) assume a bateria.

Rory se manda com seu novo e agressivo trio para o famoso estúdio do produtor Dieter Dierks na Alemanha. Dierks, famoso pelos seus trabalhos com os Scorpions e com bandas alemãs de progressivo, apenas aluga o estúdio, já que a produção fica a cargo do próprio Gallagher e de Alan O'Duffy. Quem estava gravando seu álbum nessa mesma época no Dierks Studio era o pessoal do Scorpions, rapidamente entrosados com Rory. Aqueles dias ao lado da pesada banda alemã com certeza foram também responsáveis pelo peso e agressividade de *Photo-Finish*, uma volta ao som básico e cru de antigamente. A maioria das composições eram sobras retrabalhadas do disco gravado em São Francisco, como "Shadow Play", um dos maiores sucessos de Gallagher.

No fim do ano mais uma tour pela Irlanda, dessa vez com quatro datas seguidas no estádio nacional de Dublin e mais quatro no Ulster Hall de Belfast. Nessa tour de 1978, o guitarrista fez nada menos do que 100 concertos em 65 cidades diferentes, visitando 12 países num período de apenas 16 semanas. Isso dá uma média de 25 shows por mês, loucura absoluta!

Na mesma onda pesada de *Photo-Finish* sai *Top Priority*, em 1979, com Rory fazendo muitos shows pelos EUA, chegando a declarar que tinha uma imensa vontade de emplacar um álbum no Top 10 do país, e que seu sonho era ser tão famoso quanto Bruce Springsteen ou Bob Seger, ídolos da música norte-americana. Infelizmente Rory não teve a mesma sorte que eles, pois os seus shows eram mais concorridos do que seus discos por lá. Já que ao vivo Rory era imbatível por que não lançar mais um live album? *Stage Struck* vem em 1980 e serve apenas como registro de mais uma extensa tour do guitarrista. O volume apresentado na época era tão alto que transpor essa "muralha sonora" para o vinil foi completamente laborioso. Um penoso problema.

A década de 80 e a onda de azar

O primeiro disco de estúdio lançado pelo guitarrista na década de 80 se chamava *Jinx*, que na gíria do Blues, significa "azarado". Um cara "jinxed" era uma cara sem sorte, um amaldiçoado do Blues, como a maioria dos ídolos negros de Rory. Sua devoção pelo Blues parecia lhe trazer alguns sérios problemas.

Acima: Rory numa Jam com Phil Lynott. Abaixo: a primeira formação do Taste, Rory e uma de suas companheiras, um cartaz da época do Impact e o guitarrista com suas marcas registradas, a velha Stratocaster e a camisa de flanela

A maltratada companheira de Rory Gallagher

A guitarra descascada de Rory Gallagher com seu aspecto levemente gasto é uma das marcas registradas do músico. Era seu diário, onde ele registrava seu dia-a-dia, suas emoções, seus medos e suas decepções.

Rory comprou sua famosa Fender Stratocaster em 1962, numa loja de instrumentos usados chamada Crawley's Music Centre. O rapaz era apaixonado pela Fender Strato, guitarra usada por um de seus ídolos, Buddy Holly.

O primeiro dono daquela Fender, que Rory viu na vitrine, era também um guitarrista de uma showband irlandesa. A guitarra veio na primeira leva de Fenders que chegou na Irlanda e era objeto de desejo de muitos guitarristas locais. O antigo dono vendeu a guitarra porque tinha originalmente encomendado um modelo na cor vermelha e, por engano, recebeu aquela peça na cor "Sunburst".

Nesse ponto as versões divergem. Certos fãs afirmam que esse primeiro dono odiava a cor do instrumento e começou a descascar a pintura com um canivete, deixando tudo na madeira mesmo. Foi exatamente esse detalhe que chamou a atenção de Rory na loja, imediatamente hipnotizado pela aparência da guitarra. Outros afirmam que Rory não gostava da cor e deu mesmo os "retoques" na pintura original.

O número de série era 64351 (olha a boa pedida para o jogo do bicho) e foi fabricada em Novembro de 1961. Rory chegou a substituir o braço do instrumento inúmeras vezes ao longo dos anos.

O que pouca gente sabe é que a famosa guitarra foi roubada em 1967, logo após um show do Taste. Rory, desesperado, apelou para um programa da TV irlandesa, chamado "Guardia Patro". Fez um apelo em rede nacional e a produção do programa acabou achando o instrumento. O "ladrão" se arrependeu, escondeu a relíquia atrás de um muro e mandou um amigo comunicar a emissora de TV onde se encontrava a guitarra.

Recentemente, a Fender produziu, em série de guitarras exatamente iguais a usada por Rory. As réplicas foram um sucesso de vendas, o que prova a popularidade de Rory mesmo nos dias atuais.

Rory também usava a Fender Telecaster e violões e bandolins Martin, mas sua marca registrada foi mesmo a velha Fender Stratocaster, sua única companheira até seus últimos solitários dias.

Rory deixava transparecer em suas entrevistas ser um cara supersticioso e cheio de fobias diversas. Inseguro, frágil e sempre solitário, Rory tinha pânico de avião e de subir no palco. Mal conseguia encarar de frente a platéia. Sofria de insônia, fadiga e ansiedade. Para excursionar do jeito que excursionava, Rory se enchia de remédios que não combinavam nem um pouco com uma de suas maiores paixões, o álcool. Essa mistura mexia com a cabeça de Rory, que bebia em demasia para "acalmar os nervos".

Mais dois álbuns, *Defender*, em 1987 e *Fresh Evidence*, em 1990, esse, seu último registro.

No começo da década de 90, uma onda revival de Blues aparece na cena musical. Com a morte de Stevie Ray Vaughan, o estilo parecia querer chegar ao mainstream novamente, fazendo artistas como Gary Moore, John Lee Hooker, Robert Cray e Bonnie Rait venderem muitos discos. Infelizmente, Rory Gallagher deixa a oportunidade passar diante de seus olhos e as vendas não melhoram.

Durante um show no Town & Country Club de Londres, em 1992, Rory simplesmente desaba no palco, completamente inconsciente. Uma única dose alcólica tinha reagido violentamente com seus fortes medicamentos e o guitarrista apagou em cena. Esse fatídico concerto seria a despedida dos palcos ingleses. Na imprensa, Rory fica com fama de "bebum" e irresponsável. Amigos como Dave Pegg (Fairport Convention e Jethro Tull) defendem Rory, declarando que ele estava realmente doente e que jamais desapontaria uma platéia que tinha desembolsado uma grana para assisti-lo em função de estar embriagado.

Nessa mesma época surgem boatos que Rory viria se apresentar no Brasil. Alguns até garantem que cartazes do show foram pendurados nos muros da cidade, anunciando o espetáculo num conceituado bar de Blues da cidade. Como a saúde de Gallagher já não era das melhores, a tour pela América do Sul teve que ser cancelada.

Nostalgia e saudade da Irlanda

Rory nessa época morava sozinho numa casa em Earls Court, próximo de seu irmão. O guitarrista não constituiu família e não teve filhos. Sua vida de músico tomava-lhe todo o tempo.

O tímido irlandês parecia ter perdido a confiança na sua música e em tudo o que fazia. Mudou-se com sua Fender, em 1993, para um quarto de hotel, mais precisamente o quarto 710, do Conrad Hotel de Londres. Foi registrado com um nome fictício para não ser reconhecido e apenas seu irmão tinha seu número de telefone. Passava por uma fase totalmente nostálgica. Lia somente jornais irlandeses, sintonizava rádios irlandesas e saía atrás de discos de bandas e artistas irlandeses. Em algumas ocasiões visitava o clube Troubador para assistir apresentações de novas revelações da música Folk.

Sua última gravação em estúdio foi num disco tributo a Peter Green, uma de suas maiores influências. Sem abandonar os shows, Rory tocou até não agüentar mais e ter um colapso no palco, como ocorreu em seu último show, realizado em Rotterdam, na Holanda, em janeiro de 1995. Logo depois foi internado por seu irmão no Cromwell Hospital, onde ficou sob observação.

Foi constatado que Rory precisaria fazer um transplante de fígado. Para realizar a delicada cirurgia o músico foi transferido para o King's College Hospital.

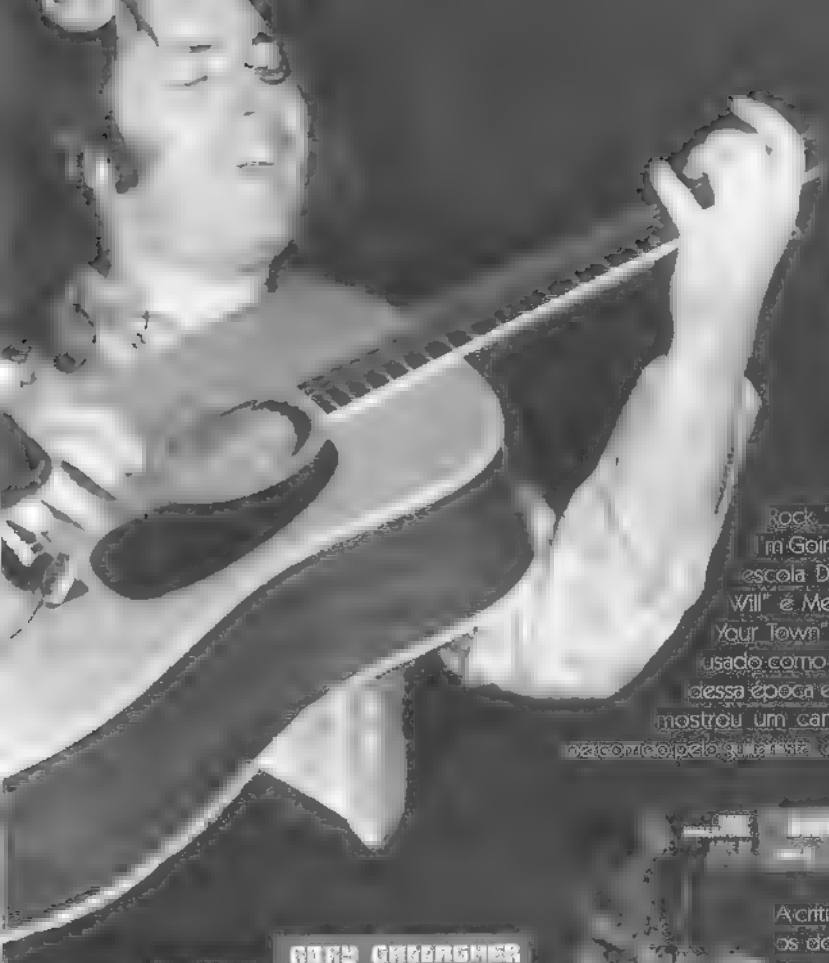
Gallagher viveu mais seis semanas, porém seu corpo rejeitou o novo órgão e ele veio a falecer de uma infecção generalizada, em 14 de junho de 1995.

Dez anos após a sua morte, a música e a simplicidade de Rory Gallagher continuam arrematando fãs por todo o mundo. Tributos, festivais, sites e convenções são realizados anualmente em homenagem ao músico.

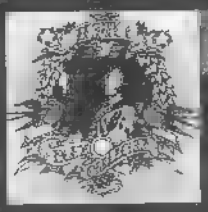
Na Irlanda existe o Rory Gallagher's Day, sendo que em Cork, um dos point turísticos é o "Rory Gallagher Place", um quarteirão bem próximo onde o guitarrista morava. Ali você encontra uma escultura de Rory e poderá tomar uma *Guiness* no Gallagher's Bar. Em Paris existe a Rue De Rory Gallagher, uma pequena viela repleta de escritórios de promotores musicais.

Pode ter certeza que ele era um cara gente fina.

Rory Rules!



Rock. "Don't Know Where I'm Going" é folk na melhor escola Dylaniana, "Maybe I Will" é Merseybeat puro, "In Your Town" é um Blues muito usado como encore dos shows dessa época e "Out Of My Mind" mostrou um caminho muito bem



Chega a ser surpreendente como Rory conseguiu se inspirar e registrar um álbum

A crítica até que aprovou os dois primeiros discos de estúdio, mas comercialmente falando

completamente à vontade em seu primeiro

Um dos melhores e mais "bem registrados" live albuns do Rock, *Irish Tour* é um souvenir de uma das

Gallagher parecia ter atingido a exata habilidade técnica quando registrou seu

O tão famoso e buscado "amadurecimento musical" ficava evidente nesse álbum. Contando

Chega a ser surpreendente como Rory conseguiu se inspirar e registrar um álbum

Um dos melhores e mais "bem registrados" live albuns do Rock, *Irish Tour* é um souvenir de uma das

Agora na gravadora Crysalis, Rory vinha recarregado de energia e feeling e conseguiu registrar mais um excelente álbum. "Let Me In", "I Take What I Want", "All Around Man" e "Souped-Up Ford" são nitroglicerina pura nas mãos de Gallagher. O slide do rapaz sai cantando pneu no braço de sua Fender. Outras maravilhas são a balada "Ain't Too Good" e o folk-western de "Out Of The Western Plain", tema "antigão" de Leadbelly que Rory transmutou em um clássico do seu repertório dos anos 70. Já em "Cross Me Off Your List", a velha e eficiente "fórmula jazzy" do Taste é revisitada com muita classe.

A despedida da melhor banda de Rory não poderia deixar de ser registrada em grande estilo. Produzido pelo mestre Roger Glover, *Calling Card*, tem uma sonoridade quente e encorpada, blues mais malandro e dançante, como ditava a época. "Do You Read Me" tem um irresistível balanço negro que é a cara de Gallagher, assim como o boogie de "Country Mile", o clima jazz e soft da faixa título e o folk caipira de "Barley And Grape Rag". Já "Moonchild", "Secret Agent" e "Jackknife Beat" são Purple até a medula. "I'll Admit You're Gone" e "Edged In Blue" trazem a peculiar melancolia e feeling tão presentes e marcantes na carreira do músico, duas de suas melhores baladas com certeza, colocando-o ao lado de mestres do feeling como Jeff Beck e Roy Buchanan. *Calling Card* é um ótimo início para quem quiser se aventurar na discografia de Rory.

Esse é o disco mais famoso entre os fãs brasileiros de Gallagher, graças a faixa "Shadow Play", muito executada nos bares e salões de Rock do país. O curioso é que *Photo-Finish* só veio a ser lançado no mercado nacional no final dos anos 90, já em formato digital. O vinilzão importado era disputado a tapa e quem conseguia levar uma cópia para casa geralmente desembolsava uma boa grana. Clássicos marcavam uma nova fase para o guitarrista, agora mais pesado e moderno do que nunca. "Shin Kicker", "Brute Force & Ignorance", "Cruise On Out" (sua homenagem a Elvis, falecido no ano anterior), "The Mississippi Sheiks", "The Last of the Independents" e "Fuel to the Fire". *Photo-Finish* foi feito na correria e entregue para a gravadora nos 50 minutos do segundo tempo (daí a inspiração para o nome do disco). Isso só colaborou para o resultado final ser desconcertante. Blues pesado e vigoroso para competir com o Heavy Metal que viria a chacoalhar a década seguinte.

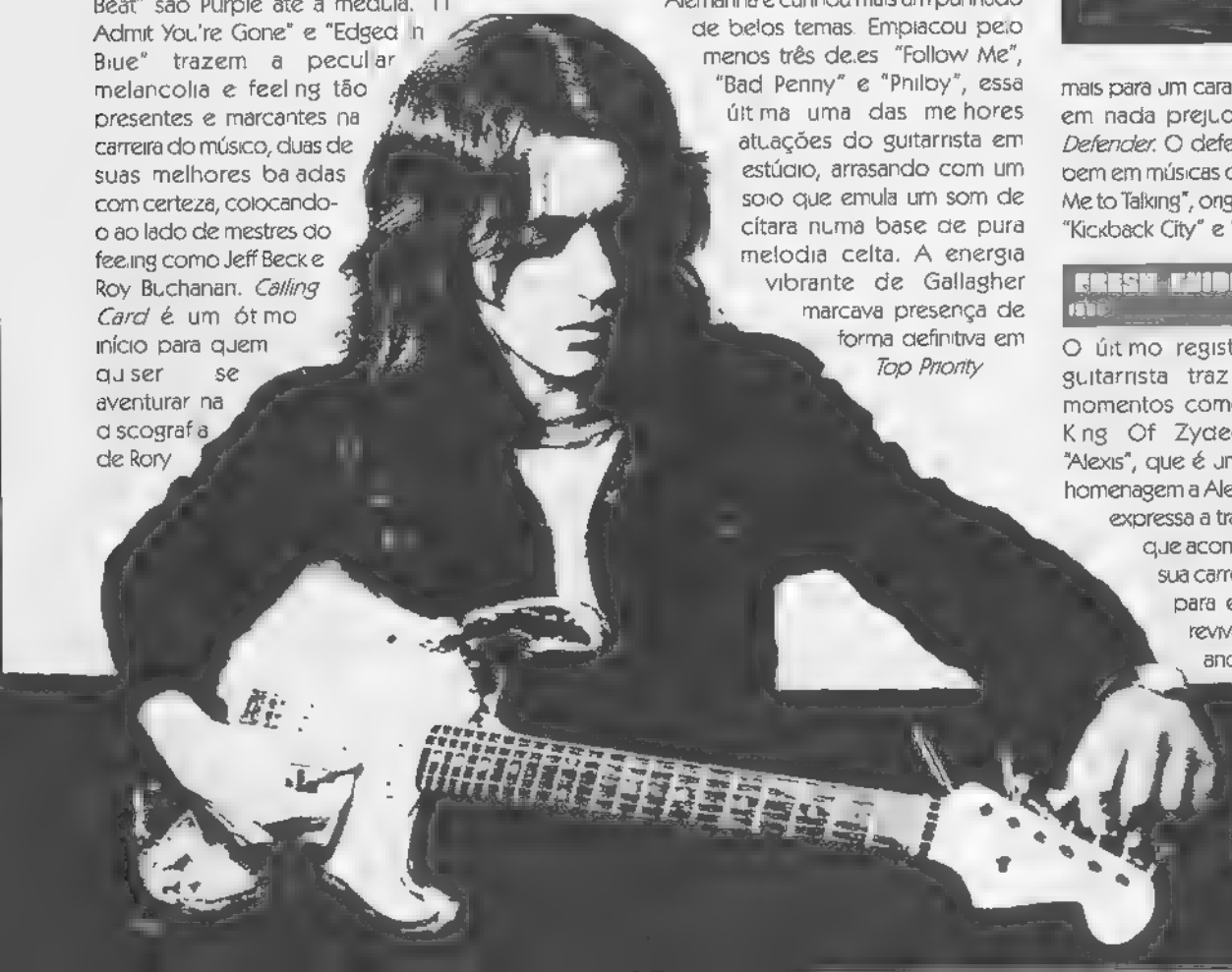
Com a mesma banda e o mesmo produtor de seu disco anterior, o guitarrista se mandou para o mesmo estúdio na Alemanha e cunhou mais um punhado de belos temas. Emplacou pelo menos três deles: "Follow Me", "Bad Penny" e "Philby", essa última uma das melhores atuações do guitarrista em estúdio, arrasando com um solo que emula um som de cítara numa base de pura melodia celta. A energia vibrante de Gallagher marcava presença de forma definitiva em *Top Priority*.

"Golpear o palco", isso é literalmente o que Rory Gallagher costumava fazer. O entusiasmo da platéia funcionava como combustível vital para o guitarrista que se jogava no palco com uma maravilhosa paixão. Daí o sucesso de seus discos ao vivo. Stage Struck é o terceiro e último nesse formato, o mais enxuto e mal gravado, mas nem por isso um mau registro. Gravado durante a tour mundial de 79/80, o material era concentrado no repertório mais pesado dos seus dois últimos álbuns de estúdio.

O primeiro registro de Rory na década de 80 foi gravado com uma nova banda de apoio. Brendan O'Neill vinha para a bateria, Bob Andrews assumia os teclados e Gerry McAvoy permanecia no baixo. Novamente como um quarteto, o grupo de Rory registrou bons temas como "Big Guns", "Bourbon", "Jinxed", "Ride on Red, Ride On" e a balada "Easy Come Easy Go".

Rory volta às raízes com um álbum repleto de Blues. A fase mais pesada ficava para trás e essa longa ausência, ainda mais para um cara trabalhador como Gallagher, em nada prejudicou o resultado final de *Defender*. O defensor do Blues volta a se dar bem em músicas como a versão de "Don't Start Me to Talking", original de Sonny Boy Williamson, "Kickback City" e "Loanshark Blues".

O último registro do guitarrista traz bons momentos como "The King Of Zydeco" e "Alexis", que é uma justa homenagem a Alexis Korner. "Walkin Wounded" expressa a tradicional mágoa e melancolia que acompanhou o guitarrista em toda sua carreira. *Fresh Evidence* tinha tudo para emplacar junto com a onda revival do Blues do começo dos anos 90, mas não colou.



Por questões de espaço, discos como BBC Sessions, Wheels Whitin Wheels mais a discografia do Taste, acabaram [illegible]

Rory, Jerry Lee, Lennon e a tietagem de um segurança...

Cerca de um ano após o lançamento do álbum de Jerry Lee Lewis, *London Sessions*, que contava com a participação de Rory Gallagher, foi agendado um show do pianista mais rocker do mundo no famoso clube Roxy, em Los Angeles.

Astros da música e do cinema foram convidados especialmente para a ocasião, assim como produtores, empresários e as groupies mais quentes da redondeza.

O show ia muito bem até que John Lennon chega no local e começa a chamar mais atenção da platéia do que o próprio Jerry Lee Lewis. De cabelos curtos e calmamente sentado no balcão do Roxy, Lennon parecia não se intimidar com o tumulto que começava a se formar ao seu redor.

Todo mundo comentava algo e as atenções estavam viradas para Lennon. Jerry Lee furioso, começa a tocar uma versão selvagem para "Jerry Lee Rag", porém nada que acontecia naquele palco parecia desviar a atenção do pessoal, até que Jerry manda a banda parar de tocar e começa a falar no microfone um monte de besteira sobre os Beatles e o quanto os músicos deles eram uma merda. Mete o pau também nos Stones, bradando que ninguém fazia Rock nesse mundo como ele próprio.

Lennon adorou a atitude de Jerry, subiu no balcão e ficou gritando em direção ao palco: "podes crer, os Beatles eram uma bosta mesmo cara."

Todo mundo começou a dar risada da situação e Jerry não entendeu nada, pensando que Lennon estava mandando-o ir tomar naquele lugar...

Jerry arrastou o piano pelo palco e o destruiu em pedaços.

O pianista sempre andava armado e pela sua reação parecia que ele puxaria sua arma a qualquer instante e começaria a disparar na direção de Lennon! O público começou a deixar o local e o clima ficava cada vez mais tenso até o show ser interrompido e Jerry Lee ser levado à força para os camarins.

Rory Gallagher, que era convidado especial de Jerry, achou uma boa ir até o backstage acalmar o amigo, afinal de contas, o relacionamento entre os dois no estúdio tinha sido muito bom. Donal, irmão e empresário de Rory, tentou impedi-lo falando que Jerry iria, no mínimo, espancá-lo. Só deixou Rory seguir em frente com a condição de que ele e o segurança pessoal dos irmãos Gallagher, Tom O'Driscoll (também presente na ocasião) fossem juntos.

Jerry estava sentado sozinho e de cabeça baixa, no camarim, completamente vazio. Obviamente até o mais durão membro da equipe do astro estava se escondendo de medo naquele instante. Rory se aproximou e sentou-se ao lado de Jerry que estava ainda vermelho de ódio. Antes que qualquer palavra fosse dita, a porta se abre e John Lennon entra no camarim!

Um silêncio mortal se instalou e sem que ninguém esperasse o gigantesco guarda-costas de Gallagher se atira de joelhos na frente de Lennon e começa a chorar!

O sujeito beijou a mão de Lennon e falou: "Eu esperei mais de vinte anos para conseguir um autógrafo do rei do Rock n' Roll!"

Agora sim o juízo final estava por vir. Já não bastava Lennon ter roubado as atenções durante todo o show, no camarim de Jerry a cena se repetia.

Jerry foi logo buscando algum objeto para atirar contra o roqueiro inglês. Chegou a conferir em sua bota de cano alto se sua arma estava por ali.

Lennon sentindo que o clima ia realmente esquentar, rapidamente assinou o pedaço de papel para o segurança. Rasgou um pedacinho do mesmo papel, roubou a caneta do fã e se dirigiu para Jerry Lee.

O beatle repetiu passo a passo a idolatria que tinha acabado de protagonizar; ajoelhou-se, beijou a mão de Jerry e falou: "Eu esperei mais de vinte anos para conseguir um autógrafo do verdadeiro rei do Rock 'n Roll!".

Jerry se deleitou com a atitude inesperada de Lennon. Assinou o papel e começaram a conversar como se nada tivesse acontecido.

HOT BUTTER

Popcorn (1972)

Conhecida por alguns como a música mais "mala" de todos os tempos, "Popcorn" é na verdade uma pérola do auge do Moog (sintetizador eletrônico criado por Robert Moog, que faleceu mês passado)

Cria do maluco Gershon Kingsley, um músico nascido na Alemanha, em 1925, que desde cedo foi fascinado por editar e manipular fitas pré-gravadas.

Kingsley, fugindo da segunda guerra mundial, mudou-se com a família para Los Angeles onde se graduou no Los Angeles Conservatory of Music.

Rapidamente começou a atuar como músico profissional e mudou-se para Nova York, onde passou a trabalhar com arranjos para discos de música grega, francesa e israelense

Topando qualquer trabalho para sobreviver, Kingsley, sempre sem abandonar seu gigantesco senso de humor, passou a idealizar canções que combinassem as mais avançadas tecnologias da época com humor inteligente.

Com esse intuito, compôs, em 1969, uma brincadeira chamada "Popcorn". A melodia já rodeava a cabeça de Kingsley e demorou apenas dois minutos para ser passada para o papel. O tema foi lançado num álbum solo do músico, chamado *Music To Moog By*. Não pegou.

Um outro projeto de Kingsley foi colocado em prática na época, a tour *Moog Synthesizer Ensemble - The First Moog Quartet*. Rodaram os EUA fazendo shows espaciais e ultra-modernos para o período, sempre encerrando o espetáculo com "Popcorn". A melodia grudenta colou na cabeça do pessoal mas ainda faltava muito para se tornar um hit.

Somente três anos depois, um dos integrantes do "quarteto de moogs", Stan Free, regravou "Popcorn" utilizando sabiamente o pseudônimo de Hot Butter.

A música foi febre no mundo inteiro, sendo utilizada em comerciais e programas de TV, anúncios radiofônicos, etc. Na Alemanha, o disquinho alcançou a incrível marca de um milhão de cópias vendidas. No Brasil, "Popcorn" virou hit entre a criançada, que adorava dançar ao som daquela "engenhoca tecnológica" chamada Moog.

Além de visitar as paradas de sucesso da música Pop, o Moog virou peça fundamental no Rock Progressivo, que estava em pleno auge em 1972.

No disco do Hot Butter, Stan Free (que já tinha trabalhado em estúdio com os Monkees, Arlo Guthrie e John Denver) trazia versões para clássicos instrumentais da surf music dos anos 60, como "Apache", "Pipeline" e "Teistar", que ganhavam nova roupagem e prometiam tomar os anos 70 de assalto se não tivessem ficado completamente ofuscadas por um furacão chamado "Popcorn".

THE CRAZY WORLD OF ARTHUR BROWN

Fire (1969)

Outro dia num papo de mesa de bar com os amigos rockers discutíamos a fase áurea do estilo e um dos participantes soltou: "Bento, por que você não fala do Arthur Brown na poeira?" Naquele instante começamos a discutir sobre a importância de Brown na cena roqueira da segunda metade dos anos 60. Aqui mesmo no nosso Brasil, é muito comum o pessoal colocar em discussão aquele velho papo de que o Secos & Molhados utilizou a maquiagem antes do Kiss fazer sucesso.

Outros garantem que o Made In Brazil foi a primeira banda a se apresentar maquiada, assim como um grupo chamado Cabala, mais conhecido como um pré-Som Nosso de Cada Dia. A verdade é que antes de toda essa gaiera, lá em 1966, Mr. Arthur Brown não só se apresentava maquiado como espalhava por aí que era o cramulhão em pessoa.

Imagine naquela época um sujeito bradar: *Eu sou o Deus do fogo do Inferno!*, com o rosto macabramente pintado e com um fogaréu em cima de sua cabeça. Tamanha loucura acabou atraindo malucos como Pete Townshend (que emprestou um apartamento para Brown morar no Soho) e Vincent Crane, ambos peças fundamentais no disco de estréia do "mundo louco do Arthur Brown", que veio ao mundo em 1968. Townshend deu uma de produtor ao lado de Kit Lambert (manager do Who) e Crane cuidou dos arranjos orquestrais do álbum. Psicodelia, metais insanos, influências de Screamin' Jay Hawkins, James Brown, Captain Beefheart, Zappa...tudo estava lá nesse primeiro clássico "from hell" da história.

A música "Fire" foi um sucesso no mundo todo, número um nos dois lados do Atlântico, com Arthur tendo cada vez mais dificuldade em vender seus shows macabros e subversivos. As apresentações teatrais de Brown eram pouco divulgadas e sempre aconteciam em clubes pequenos e de difícil acesso, tanto que era comum achar perdido nessas platéias caras como Jimi Hendrix e Mick Jagger, "só dando uma conferida" naquela loucura toda. Dizem até que Hendrix era louco para formar uma banda ao lado de Brown e Crane, porém acabou abrindo mão da ideia em função da pressão dos Panteras Negras, criando assim a Band Of Gypsies.

Na América, Brown excursionava tendo então um jovem Carl Palmer como baterista e era mais bem aceito do que na Inglaterra, sempre dividindo o palco de grandes arenas com Janis Joplin, Iron Butterfly, Blue Cheer, Zappa e o Ten Years After. Enquanto isso, surgia na sua terra natal bandas influenciadas pelo seu trabalho como o Black Widow e depois o Black Sabbath. No meio da tour norte-americana, Crane e Palmer abandonam tudo e voltam para a Inglaterra, formando um grupo tão amedrontador quanto esses citados acima, o Atomic Rooster (olha que bela pedida para pintar aqui na poeira)

Pode confiar, Alice Cooper, Kiss, Secos & Molhados, King Diamond, todos eles tem medo do Arthur Brown

Picaretagem máxima: o empresário Kit Lambert fez Brown assinar um documento na época que tirou o direito do músico de receber royalties pelo seu disco de estréia! Passados 37 anos, Arthur Brown nunca ganhou sequer uma moeda por esse álbum! Uma vaia para o picareta Lambert, uuuhhhhhh!!!!!

VIOLETA DE OUTONO

[illegible]

O Violeta de Outono lança *Ilhas* depois de seis anos longe dos estúdios. Contando novamente com a formação clássica: Fábio Golfetti nas guitarras e vocais, Angelo Pastorello no baixo e Cláudio Souza na bateria, o trio vive nitidamente a sua melhor fase. Para selar o ótimo período, Fernando Cardoso (Yessongs e Compacta Trio) foi convocado para os teclados.
Agora como um quarteto, O Violeta está soando melhor do que nunca. Batemos um papo com Fábio Golfetti que você confere abaixo.

fotos de Toni de Gomes

[illegible] DVD [illegible] shows [illegible] com uma orquestra [illegible] [illegible] músicos [illegible] [illegible] guitarrista [illegible] [illegible] 2005?

Fábio Golfetti: [illegible] alternativas [illegible] mais [illegible] que a banda agregasse mais público, consequentemente parece que somos bem mais conhecidos agora [illegible] 20 anos do que na época que aparecemos. Em 1986 nossa [illegible] restringia [illegible] que [illegible] clubes e casas de shows. Estamos [illegible] projetos, incluindo o DVD com a orquestra de [illegible] e um novo álbum que devemos gravar em breve. Acho que [illegible] não estamos no auge da criatividade, como [illegible] em 1986, mas estamos com uma dedicação e vontade que está resultando numa produção bastante objetiva e extensa, não temos mais muito tempo para elaborar. Como fez Daevid Allen, quando gravou o primeiro álbum com University of Errors, gravou uma [illegible] estúdio em New York e depois colocou os vocais e pronto! Um novo projeto.

[illegible] também sobre os convidados especiais no álbum.

[illegible] composto [illegible] Gregor Izidro (Fuzztones) pelo Violeta de Outono durante 2001-2003. Neste período estávamos retomando a banda com uma energia renovada e com vários shows. Alguns temas surgiram durante os ensaios, outros como o "Blues" já fazia parte do repertório desde o início da banda mas nunca havia sido gravado. [illegible] em São Paulo (Estúdio Rocha), Angelo Pastorello, Gregor e myself e gravamos a bateria / baixo em 2 sessões com um sistema analógico, mesa e gravador multipistas de 16 canais. As músicas já tinham a forma, porém todos os overdubs de guitarra, vocais e o acabamento foram feitos em meu home estúdio. Durante a gravação deste disco começamos a resgatar o que mais gostamos no rock, o som clássico dos anos 70 e acabamos convidando alguns amigos que já tinham alguma afinidade com a banda para criar esta sonoridade. Fabio Ribeiro (Shaaman / Blezqi Zatsaz) nos teclados, amigo desde 1995, quando participou do Violeta de Outono durante três anos com seus sons de hammond e moog, o João Parahyba, que conheci quando trabalhamos junto com o falecido Suba (Mitar Subotic), imprimindo um ar psicodélico brasileiro [illegible] Supernova [illegible] Invisible Opera Company of Tibet [illegible] mais voltado para o jazz-rock experimental.

[illegible] lançado em 2005?

[illegible] Souza voltou para a banda depois de uma ausência de [illegible] anos. Como ainda não sabíamos qual seria o rumo que o som tomaria, achamos melhor esperar um pouco antes de lançar o *Ilhas*. [illegible] com a volta do Cláudio e a recente inclusão do tecladista Fernando Cardoso (Compacta Trio / Yessongs) o som partiu ainda mais para o formato clássico prog-psychedelic dos 70 e acabamos por compor outras músicas para um novo álbum. [illegible] para não deixar mais um disco perdido (como aconteceu com outros [illegible]) [illegible] lançamos este CD que está [illegible] o Violeta de Outono no cenário musical.

[illegible] King Crimson [illegible]

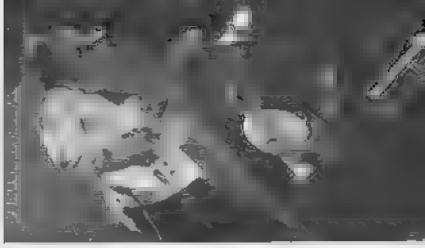
[illegible] as composições [illegible] Easy Money [illegible] King Crimson. Nossas influências são [illegible] 1974 [illegible] 1977 [illegible] anos 70. Porém [illegible] uma banda [illegible] 1986 [illegible]
[illegible] Pink Floyd [illegible] Caravan [illegible] mais experimentais.

pZ - Vocês tocaram junto com o Lanny Gordin no Sesc Pompéia. O ápice foi uma versão perturbadoraƒ de Tomorrow Never Knowsƒ dos Beatles, com 12 minutos de duração. Como rolou esse encontro histórico?

FG - Um amigo nosso, o músico e produtor Jica, percussionista do grupo Tarancon, fez este convite a partir de uma idéia dele com o Luis Calanca, da Baratos Afins. Achamos que foi uma boa oportunidade de conhecermos pessoalmente um ícone da musica progressiva e psicodélica brasileira (assisti o Lanny tocando jazz, em 1978, no festival São Paulo–Montreaux). Eu encontrei o Lanny para trocarmos algumas idéias do som e acabamos fazendo um "ensaio". O ápice da apresentação seria a lisergia de "Tomorrow Never Knows", que se transformou numa jam com direito a efeitos e solos improvisados no melhor estilo do Lanny.

pZ - O Violeta nunca se encaixou em nenhuma cena. Nos anos 80, a época era de New Wave, Tecno Pop e Pós Punk. Nos 90, o Grunge reinou absoluto e nesse novo século vivemos ainda a febre da música eletrônica. O Violeta permanece fiel às raízes progressivas e psicodélicas. É correto afirmar que para o Violeta de Outono, a época é o que menos importa, já que o som de vocês é atemporal?

FG - Com certeza. Ouvi o Bill Bruford comentar que o rock deixou de se criar em 1976, (a mesma data do livro inglês "Tapestry of Delights") e concordo com ele. Com exceção de algumas genialidades, de lá para cá, o rock apenas se recria. Surgem novos grupos mas a referência sempre está nos clássicos. Depois de 1985, a coisa piorou ainda mais devido a fome da indústria fonográfica que transformou o rock e o pop em produtos consumíveis e descartáveis. Em 1972, o pop era Genesis, Yes, EL&P. No caso do Violeta de Outono, não temos muitas alternativas, nascemos num país muito fora do eixo do rock, e para piorar, um país que tenta copiar tudo o que se faz lá. Então nossa saída foi tocar o que realmente gostamos, sem se preocupar em parecer com uma banda ou outra. É mais ou menos assim tocar com o lado intuitivo e esquecer a enciclopédia que temos na nossa cabeça. Não queremos copiar nenhuma banda, o som que sai é a química de todos estes elementos, então tanto faz se estamos em 1985 ou 2005! Eu gostaria de estar em 1969 (risos)



pZ - O que mudou na cena independente do Brasil, desde o começo do Violeta com o convite para inaugurar o selo da Wop Bop, até hoje?

FG - Naquela época acho que tivemos a sorte de cair numa rádio que estava aberta para tocar bandas desconhecidas. Posso falar que a 89 FM recebeu uma demo nossa, que foi gravada num ensaio e a colocou na programação durante meses, quase que seis vezes ao dia, tocando diversas músicas. Quando fizemos nosso primeiro show "oficial" no Sesc Pompéia, o público já conhecia a banda e nós não tínhamos ainda praticamente tocado ao vivo. Acho que isso dificilmente vai voltar a acontecer, como também não vai existir mais um EL&P. Então, acho que se por um lado ficou mais difícil de aparecer para o grande público, por outro, as várias formas alternativas de divulgação de hoje proporcionam o surgimento de bandas e sons que não se preocupam em estar na rádio, mas que acabam se projetando em vários segmentos. O único problema é que existe muita oferta de música e tudo acaba ficando muito diluído e o interesse diminui. No passado recente, ter uma música gravada, significava ter uma gravadora, o disco era vinil, e poucas bandas conseguiam chegar ao grande público, então você conseguia se projetar mais. Hoje a tecnologia do áudio permite que você grave em casa e disponibilize na Internet, o que é maravilhoso Em contrapartida, a magia se vai. Where Have All Those Flowers Gone? Infelizmente ou felizmente, não dá mais para voltar atrás

pZ - Se o Daevid Allen, o Jimmy Page e o Syd Barrett te pedissem um disco de um artista, ou grupo brasileiro, para conhecer um pouco do que se faz por aqui, que disco você daria a cada um deles?

FG - Se fosse hoje, mandaria para o Daevid e para o Jimmy um do Quarteto Novo e algum disco do Quinteto Armorial. E para o Syd, mandaria um CD do Invisible Opera Company of Tibet – Cosmic Dance. Não mandaria música psicodélica para o Syd, acho que ele não se sentiria bem.

Renaissance DISCOS

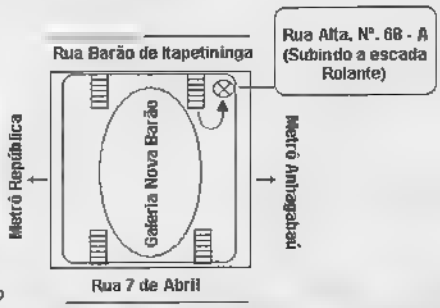
ESPECIALIZADA EM PROGRESSIVO, HARD, PSICODÉLICO, BLUES, FOLK E MPB

VENDA, COMPRA E TROCA DE LPs, CDs, DVDs, VHS e LIVROS

Temos vasto acervo de Heavy, Jazz, Rock e Alternativos em geral, Pop Rock em geral, Música Erudita, Música Eletrônica, Música New Age etc

Aceitamos encomendas de todos os estilos e trabalhamos com as principais distribuidoras

Fornecemos também raridades fora-de-catálogo de todos os estilos, seja no formato LP, seja CD e a um preço REALMENTE ACESSÍVEL e HONESTO



Também produzimos CDs de Progressivo e Hard anos 70. Visite nosso site e venha mostrar o seu trabalho

PETRÓPOLIS: Rua Irmãos D'Angelo, 51, S/L 03 – Galeria Régis – Centro – CEP: 25685-330 - TEL – (24) 2231-5257
SÃO PAULO: R. Nova Barão, 37 (Rua Alta) - S/ Loja 68-A - Centro - CEP: 01042-001 - TEL – (11) 7129-6589

Websites: www.rockprogressivo.com.br/renaissance www.rockprogressivo.com.br/sominterior

E-mails: Petrópolis: renaiss@compuland.com.br / São Paulo: renaissancediscossp@yahoo.com.br

COMO COMPRAR AOR

Muitos devem estar se perguntando "Que caczo é esse tal de AOR?"

Bom, existem duas definições básicas para a sigla AOR Adult Oriented Rock e Album Oriented Rock.

Ambas significam basicamente a mesma coisa, um tipo de Rock destinado ao público adulto.

Na segunda metade da década de 70, o famoso "Rock de Arena" (uma outra definição de AOR) se tornou o estilo mais rentável, principalmente na América, onde esse público adulto consumia uma nova geração de bandas.

O Hard Rock e o Heavy Metal ganhavam cada vez mais popularidade e as rádios FM eram o caminho certo para alcançar o estrelato.

Nos anos 60, a febre era os compactos. O minúsculo formato servia como veículo de divulgação para o artista. Com a chegada de álbuns conceituais como *Days of Future Passed* do Moody Blues e *Sgt. Peppers* dos Beatles, o mercado fonográfico mudou completamente e o veículo mais adequado passou a ser um álbum completo.

No Rock Progressivo, esse formato de álbum se tornou ainda mais popular com grupos como Genesis, Yes, EL&P, Jethro Tull e muitos outros.

As rádios especializadas em Classic Rock passaram a surgir nos EUA e isso foi crucial na criação do gênero AOR.

A produção dos álbuns se tornava grandiosa, monetariamente inatingível, extremamente polida e visando obviamente conquistar muitos discos de platina.

Os álbuns eram projetados para emplacar, vender milhões de cópias e cair no gosto do grande público. Para isso, esses novos grupos se armavam de refrões ganchudos, baladas açucaradas, sintetizadores e muitos solos de guitarra. O bacana era se vangloriar e tocar para uma arena lotada, nada de clubes, barzinhos e garagens. O Rock alcançava o mainstream.

No começo dos anos 80, era fácil topar com verdadeiros hinos AOR nos comerciais de cigarros. Até hoje esse tipo de sonoridade conquista uma série sem fim de adeptos.

Muita gente famosa por se denominar AOR por excelência, como é o caso do Styx, REO Speedwagon, Boston, Heart, 38 Special, Meatloaf e muitos outros acabaram ficando de fora...

Nosso critério foi simplesmente escolher 10 álbuns célebres do estilo, não necessariamente lançados por uma banda AOR, mas por algum artista que se sentiu confortável em lançar um disco dentro desse novo conceito de mercado fonográfico. A ordem da lista é cronológica.

BAD COMPANY "BAD CO" (1974)

Se o AOR teve um pontapé inicial esse foi dado pelos ingleses do Bad Company. O super-grupo formado por Paul Rodgers e Simon Kirke (Free), Mick Ralphs (Mott The Hoople) e Boz Burrel (King Crimson) foi o primeiro a dar ao publico norte-americano o que ele queria: um disco que pudesse ser tocado na íntegra no rádio, ou seja, qualquer música do trabalho de estréia da banda tinha cara de hit.

Sacando o potencial da rapaziada, Jimmy Page e Peter Grant "fisgaram" o Bad Company para a Swan Song Records, selo de propriedade do Led Zeppelin que estava adentrando no mercado fonográfico (o Bad Company foi a primeira contratação do selo).

O disco pode ser considerado uma das melhores estréias da história do Rock. Em pouco mais de meia hora, trazia um som simples, porém refinado e de extremo bom gosto.

Surgiu numa época de produções megalomaníacas em que bandas como Yes e EL&P estavam na crista da onda. O Bad Company apostava na simplicidade e na competência de seus músicos. Até a capa era uma volta às raízes, apenas o logo da banda numa tipografia imitando couro, contrastando com um fundo negro. Idéia depois aproveitada por Jeff Beck em *There and Back* e pelo AC/DC em *Back In Black*, ambos lançados em 1980.

"Can't Get Enough" chegou ao primeiro posto da parada, levando o Bad Company a excursionar diversas vezes "coast to coast", num verdadeiro desbravamento roqueiro pelos estádios e arenas dos EUA.

Os genuínos rocks "Rock Steady", "Movin' On", "Bad Company" desfilam ao lado das baladas "Ready For Love" (uma pequena obra prima de Ralphs lançada antes pelo Mott mas sem o mesmo impacto), "Don't Let Me Down", "The Way I Choose" e "Seagull".

Paul Rodgers prova nesse álbum ser mesmo uma das melhores vozes do Rock, esbanjando uma classe poucas vezes vista no estilo; servindo fácil de ídolo para qualquer vocalista AOR que surgisse a partir daquele momento. Não é a toa que o Bad Company ainda lançaria muitos hits do estilo como "Feel Like Making Love", "Shooting Star", "Running With The Pack", "Rock N' Roll Fantasy", etc.

Engraçado como esse álbum quase nunca aparece nas listas dos "melhores do Rock", principalmente das publicações brasileiras.

Se o Punk Rock tivesse sido inspirado na simplicidade dos três acordes do Bad Company ao invés dos três acordes de certas bandas, talvez nossa cena musical atual fosse levemente mais agradável...

KANSAS "LEFTOVERTURE" (1974)

Desde sua fundação, em 1970, o Kansas dividiu as opiniões do público. Muito Pop para os fãs de Progressivo e muito Progressivo para os fãs de Pop. Talvez essa indecisão do grupo tenha prejudicado um pouco sua aceitação todo esse tempo, principalmente com os críticos que sempre malharam a banda.

O núcleo principal que fundou o grupo, Kerry Livgren nas guitarras e teclados, Dave Hope no baixo e Phil Ehart na bateria, somente conseguiram "juntar" um time de primeira com a entrada de Steve Walsh nos vocais e teclados, Robbie Steinhardt nos vocais e violino e Richard Williams, também na guitarra. Juntar Rock Progressivo com música caipira norte-americana e Boogie, parecia assustar todo mundo que se deparava com um concerto da banda.

Lançaram três bons álbuns que passaram completamente despercebidos até chegar a vez dos rapazes e eles virarem a mesa com esse *Leftoverture*.

O furor que pairava sobre o conjunto tinha um bom motivo: a faixa de abertura de *Leftoverture*, "Carry On Wayward Son", se tornou rapidamente um hino por toda os EUA, dando até projeção internacional para o grupo. "Carry On..." é mesmo uma pequena obra-prima, mesclando sabiamente todos os elementos característicos do Progressivo e do AOR, desde os vocais fortes e melodiosos até as guitarras afiadas e influências também de Jazz-Rock.

A execução radiofônica assustou até mesmo a banda, que demorou para sair do Top 05, vendendo de cara 3 milhões de cópias! "The Wall" mostrava toda a habilidade da banda em juntar o violino "country" com o virtuosismo das guitarras e teclados, uma fórmula bem explorada pelo Dixie Dregs.

O vocal privilegiado de Steve Walsh se tornou um referencial do estilo, provocando uma enorme lista de seguidores. Sua atuação em "What's On My Mind", "Opus Insert" e "Questions Of my Childhood" são de arrepiar. Steinhardt não ficava muito atrás, o que só fazia a musicalidade do Kansas ficar ainda mais enriquecida com vocalizações surpreendentes. "Miracles Out Of Nowhere" tem algo de Love (!) na linha vocal, e também uma influência celta. Encerrando essa autêntica aventura sonora temos a suíte "Magnum Opus", dividida em 6 movimentos. Esse grandioso tema nada tinha a ver com o apelo mais comercial de "Carry On Wayward Son", mostrando que a banda poderia atingir diversos públicos sem deixar de ser simplesmente "Kansas".

Eles ainda cunharam muitos hits AOR como "Dust In The Wind", "Hold On", "Point Of Know Return" e "Play The Game Tonight", essa última contando já com o vocal de John Elefante, praticamente um "pastor-AOR", já que o cara era daqueles yankees evangélicos.

BLUE OYSTER CULT
"FIRE OF UNKNOWN ORIGIN" (1981)

Depois de serem taxados como uma mera cópia norte-americana do Black Sabbath, o BOC provou ter vida própria, carisma e um estilo peculiar de fazer Rock pesado. Sendo um grupo misterioso, de difícil acesso e com temáticas pra lá de ocultas, foram acusados de nazistas, discípulos do "Tinhoso" e o diabo a quatro (perdão pelo trocadilho). A primeira fase foi a melhor e mais pesada, mostrando o BOC mestre nos climas viajantes, em alguns casos até espaciais. Depois veio a segunda fase, mais comercial e menos pesada trazendo os mega-hits "Don't Fear The Reaper" e "Godzilla" os maiores sucessos do grupo.

Empolgados com os dólares e com a repercussão radiofônica, o pessoal do BOC resolveu adentrar a década de 80 apostando num som mais AOR. A transição foi natural, já que a faixa etária dos fãs da banda sempre tinha sido mais elevada. Com certeza não eram os adolescentes que curtiam aquela temática abordada pela banda, carregada de ficção científica, misticismo e simbologias.

O som "adulto" do BOC foi se ampliando até chegar em *Fire Of Unknown Origin*, gloriosamente produzido pelo mestre Martin Birch (Purple, Rainbow, Whitesnake, Wishbone Ash, Maiden e muitos outros).

Donald "Buck Dharma" Roeser, Eric Bloom, Allen Lanier e os irmãos Joe e Albert Bouchard, conseguiram a proeza de cunhar um álbum ameaçador; robusto, enigmático, sem deixar de ser pop e acessível ao mesmo tempo. Genialidade!

O time de colaboradores aparecia em peso para "amparar" o grupo na produção e nas letras: Sandy Pearlman, Richard Meltzer, Patti Smith e até o escritor especialista em ficção, Michael Moorcock (que já havia trabalhado com o Hawkwind).

O resultado dessa união aparece em temas como "Burnin For You", "Joan Crawford", "Veteran Of The Psychic Wars", "Sole Survivor", "Heavy Metal: The Black and Silver" e a faixa-título, que estão sem dúvida, entre as melhores composições da banda.

Letras de arrepiar entrelaçadas por linhas de sintetizadores glaciais marcam definitivamente esse grande clássico do Rock que de forma alguma soa datado nesse novo século.

O repertório desse disco foi tão imponente e poderoso que o BOC se sentiu na obrigação de lançar mais um disco duplo ao vivo, *Extraterretnal Live*, no ano seguinte.

FOREIGNER "4" (1981)

Uma seleção de músicos trabalhando para levar uma banda ao estrelato e para fincar sua sonoridade nos quatro cantos do planeta. Talvez se me pedissem para fazer uma rápida apresentação dessa banda eu os definiria assim.

O Foreigner foi concebido pelo talentoso guitarrista inglês Mick Jones que cansado de suas andanças pelo Spooky Tooth resolveu formar seu próprio conjunto.

Jones já mostrava um talento grandioso desde jovem e isso lhe rendeu participações em álbuns e tours de George Harrison, Peter Frampton e Leslie West.

Ao mudar para Nova York, Jones percebeu que a América carecia de grandes bandas e que se surgisse um novo grupo que aliasse um certo potencial comercial com o virtuosismo instrumental, esse com certeza chegaria ao topo.

Para a empreitada convidou dois experientes músicos ingleses: o saxofonista Ian McDonald (ex-King Crimson) e o baterista Dennis Elliot (ex-Ian Hunter). Pesquisou por Nova York e achou novos talentos que caíram como uma luva para o novo projeto: Al Greenwood (teclados), Ed Gagliardi (baixo) e o excelente Lou Gramm (vocal).

Com esse time o Foreigner lançou uma estreia impecável pela Atlantic em 1977, onde emplacou alguns hits poderosos como "Cold As Ice". Passaram rapidamente de ilustres desconhecidos para membros de uma instituição da "música adulta", fazendo enorme sucesso nos EUA, apesar de pouco prestígio pela Europa.

Depois de mais um par de discos, o grupo passou por reformulações e ficou reduzido a um quarteto, contando com Jones, Gramm, Elliot e o baixista Rick Willis (ex-Peter Frampton, Roxy Music e Small Faces).

O Foreigner estava pronto para dar o seu golpe de misericórdia nos dials das FMs, que veio finalmente em 1981, com o lançamento desse seu quarto álbum, batizado de *4*.

Jones produziu tudo ao lado de Robert John "Mutt" Lange, um dos mais detalhistas e minimalistas produtores da música mundial, que ainda colhia os louros pela produção magistral dos dois melhores albuns do AC/DC – *Highway To Hell* e *Back In Black*.

4 se tornou um marco no AOR, onde cada detalhe somava pontos na vitória do Foreigner perante as demais bandas da época. Desde os sintetizadores seqüenciados (ainda uma novidade para a época) até os solos de guitarra e a voz potente de Gramm, tudo soava perfeitamente bem. Para os sintetizadores foram convocados dois especialistas: Thomas Dolby, que depois ficaria muito famoso por suas trilhas sonoras e por seus trabalhos na música Pop, e Larry Fast, o mago dos sintetizadores do Synergy, que atuou também em trabalhos do Yes, Peter Gabriel, Kate Bush, Meatloaf e muitos outros, sempre levando seus sintetizadores a um novo público. (Dizem até que Fast deixou Rick Wakeman de queixo caído com seus experimentos e com seus instrumentos de fabricação "quase caseira").

"Waiting For A Girl Like You" é executada até hoje nas rádios do mundo todo, uma das grandes baladas do estilo. "Juke Box Hero" mostra que agressividade e tecnologia podem caminhar juntas. A dançante "Urgent" trazia Jr. Walker, o experiente session man da Motown num solo de sax arrasador. A bela "Luanne" tinha um ar de "anos dourados", contrastando bastante com "Night Life" e "I'm Gonna Win".

Qualquer semelhança desse *4* com o *Hysteria* do Def Leppard não é mera coincidência. Demorou 6 anos, mas os rapazes de Sheffield conseguiram copiar direitinho o Foreigner e mostraram que aprenderam bem a lição de casa. (Até o produtor de ambos os discos é o mesmo: "Mutt" Lange). Melodia, energia, balanço, tecnologia e boas composições fazem parte de *4*, um álbum impecável do começo ao fim; que tornou o Foreigner um modelo de grupo bem sucedido comercialmente. Jones depois foi convidado por Eddie Van Halen para produzir o disco *5150*, a parceria do Van Halen com Sammy Hagar, que nos deu outro clássico do AOR.

JOURNEY
"ESCAPE" (1981)

O grupo foi formado em plena São Francisco, em 1973, pelo guitarrista Neal Schon, que vinha trabalhando com Carlos Santana e sua banda. Outro membro do Santana veio para o novo grupo de Schon, o tecladista e vocalista Gregg Rolie. Juntando um time de primeira linha (como o baterista Aynsley Dunbar), o pessoal caprichava na instrumentação e na onda do Jazz-Rock, uma febre na época em que eles surgiram. Como o vocal de Rolie era constantemente malhado pela crítica, o jeito foi contratar um novo vocalista, Steve Perry, um filho de portugueses, que veio para a banda em 1977 (alguém aí já reparou como Perry parece a Fafá de Belém?). Com a voz aguda de Perry, um fã incondicional de Sam Cooke, o Journey se tornou uma das maiores potências do Rock norte-americano. Depois de três álbuns de estúdio e um duplo ao vivo, todos muito bem sucedidos nas paradas, chegou a vez do Journey mostrar que poderia elevar sua popularidade a estratosfera com *Escape*.

O disco vendeu cerca de dez milhões de cópias e liderou todas as paradas da época, emplacando no mundo todo os hits "Don't Stop Believin" (considerada por muitos como um hino do Rock), "Who's Crying Now" e "Open Arms". Outras faixas que tocavam muito nos quartos das adolescentes da época eram "Stone In Love", "Still They Ride" e a faixa-título.

Queira ou não, a guitarra de Schon aliada aos teclados de Jonathan Cain e a voz peculiar de Perry marcaram uma época. Mostrando um profissionalismo absurdo, principalmente em seus shows ao vivo, os rapazes do Journey primaram por fazer um disco abordando temas comuns como romances adolescentes em meio à loucura das grandes cidades. Nada de muito complexo, o que fica evidente até pela curta duração de todas as faixas desse disco. Depois o grupo lançou o também multi-platinado *Frontiers*, trazendo mais uma penca de hits que fizeram a cabeça da geração 80

FORTRESS
"HANDS IN THE TILL" (1981)

"AOR obscuro" é algo que se contradiz. Se é AOR, foi planejado para vender muito e provavelmente lançado por uma gravadora major. Agora se é obscuro, é porque não vendeu nada e quase ninguém conhece. O Fortress se encaixa misteriosamente nessas duas categorias.

A Atlantic lançou esses rapazes de Sun Valley, Califórnia, em 1981, apostando que o grupo seria a nova revelação nas rádios norte-americanas, tomando o lugar de bandas como o Journey e o Boston.

Ledo engano, *Hands in The Till* encalhou feio e passou a ser encontrado nos sebos por um preço risível.

O único lugar que deu um certo destaque para o disco foi o famoso e vanguardista *Livro Negro do Rock*, lançado em 1984, por Leopoldo Rey e Gilles Phillipe, pela editora SomTrês (dirigida por ninguém menos que o global Maurício Kubrusly). Lá os autores comentam a qualidade desse álbum e até ressaltam que ele foi adquirido numa liquidação!

A banda do vocalista Jim West cunhou uma bela estréia com AORs de respeito como a faixa-título, "Carry Me Back", "Back on The Path", Breakin' Free", "Mystery", "Comin After You" e a baladona "Kisses".

O disco nunca foi lançado em CD, então pode começar a garimpar por aí. Se o lojista te pedir mais de R$15 pelo disco pode pechinchar, pois é uma "baba" de respeito!

Curiosidade: *Hands In The Till* contou com a participação de Duane Hitchings nos teclados e Snuffy Walden na guitarra acústica. O primeiro deu uma "mãozinha" para artistas do calibre de Hendrix, Janis, Miles Davis, Rod Stewart, Jeff Beck, Alice Cooper e foi integrante do Cactus. Já o guitarrista Snuffy Walden foi do Stray Dog e tocou até com o Free no disco *Heartbreaker* (o solo de "Wishing Well" é dele), além de trabalhar como session-man de Stevie Wonder (no clássico e irretocável álbum *Songs In The Key Of Life*), Eric Burdon, Greg Lake e outros.

ASIA
"ASIA" (1982)

Dois hits que apareceram no comercial da Hollywood (o que prova a inclusão deles no "estilo" AOR): "Heat of the Moment" e "Only Time Will Tell", justamente as duas primeiras canções desse disco que alçou a voz de John Wetton à arenas nunca antes adentradas. De voz suave e que servia de contraponto à fase mais louca e genial do King Crimson a cantor de estádios demorou uma década. Mas o Asia ainda tinha outros trunfos: Steve Howe (o grande guitarrista do Yes cooptado pelo líder Geoff Downes, que também tinha tocado no Yes), e Carl Palmer, o batera. Muita técnica resultando em um grande disco, mas como eles queriam ganhar dinheiro, boa dose de melodia grudenta foi adicionada. Refrões ganchudos e efeitos "embe ezadores" nos teclados e guitarras também recheiam o disco. Os maciços ingredientes pop podem não agradar a todos. De fato, tais ingredientes tinham tudo pra transformar o projeto numa bomba, mas funcionam incrivelmente aqui, e agradam em cheio aos AOR maníacos. Nunca essa definição (Adult Oriented Rock) estapafúrdia foi tão bem empregada quanto no caso desse disco. Infelizmente, nos discos seguintes, a fórmula desandaria, e do "adult" restaria apenas a vontade de ganhar dinheiro. (S.A.)

MUSEU DO VINIL
LPs e CDs
telefones: 5062 6387 / 6915 8456
Rua Cisplatina, 502 - Ipiranga - São Paulo - SP

CD VOADOR 100% Originais
WWW.CDVOADOR.COM.BR
CDs Raros - Nacionais & Importados - Enviamos para todo o Brasil via correio
Musica Internacional - Música Brasileira - Jazz - Clássico - Trilha Sonora

FREEDOM
sua liberdade de escolha
www.freedomdiscos.com.br
CD's - DVD's - LP's (Novos e Usados) - Camisetas e Miniaturas
Tel: (13) 3222-1400
Rua Oswaldo Cruz, 319, Lj.44 - Boqueirão - Santos - SP

APFEL
www.apfel.com.br
Restaurante Vegetariano
Centro: Rua Dom José de Barros, 99
Esquina com a Barão de Itapetininga
Jardins: Rua Bela Cintra, 1343
Entre a Alameda Jaú e a Alameda Santos

URIAH HEEP "ABOMINOG" (1982)

Quando David Byron saiu do Uriah Heep, não faltou quem dissesse que a banda estaria com os dias contados. Apesar de lançar três ótimos discos com John "Lucifer's Friend" Lawton, melhores inclusive que o último com Byron (o apenas razoável *High and Mighty*), os incautos insistem em ver uma decadência que não existe, a não ser que se encare uma troca de estilo como algo prejudicial à carreira de uma banda. Nesse caso, tanto *Innocent Victim* quanto *Fallen Angel* são desastrosos para quem só aceita o rockão cheio de Hammond e backing vocals histéricos (e muito bons) da grande fase (até *Sweet Freedom*).

Nada contra, mas faço parte dos muitos que admiram a guinada pop operada por Ken Hensley e Mick Box após a saída de Byron. Mesmo que com tal guinada alguns equívocos seriam cometidos: mais sensivelmente em John Sloman, o novo vocalista, e o álbum com ele gravado, *Conquest*. Um grande desencontro entre a voz "black music" de Sloman e a sonoridade rasgada pelo Hammond da banda. Hensley, o principal compositor, se despede.

Sloman sairia meses depois. O jeito seria uma nova reformulação. Da banda Lion, de Los Angeles, viria o novo tecladista, John Sinclair. Peter Goalby ex-Trapeze, assume os vocais. Kerslake, que havia abandonado a banda após *Fallen Angel*, retorna. Bob Daisley, o arroz-de-festa, junta-se à trupe. A banda entrava de vez nos anos 80 com a clássica sonoridade do AOR.

Abominog seria o canto de cisne, ou o último grande disco lançado por eles, por mais que *Sonic Origami*, ou até mesmo o irregular *Raging Silence* tenham seus momentos. Começando com a pouco AOR "Too Scared To Run", bela e rápida abertura; e encerrando com "Think it Over", canção co-composta e gravada com Sloman (mas só lançada em compacto), aqui retrabalhada, e melhorada, por Goalby. Temos belas composições, algumas covers, e uma boa produção de Ashley Howe, valorizando a nova sonoridade que a banda buscava. Faixas como "Running All Night" (também gravada pelo Lion), "Chasing Shadows" (que tem uma das introduções mais paradigmáticas do estilo) e "Hot Persuasion" são belos exemplos da perfeita integração de Sinclair nas composições. E "On the Rebound" prova que a mão de Russ Ballard (ex-Argent), continuava a dar bons frutos.

Infelizmente a dupla Sinclair e Goalby não repetiria o êxito nos discos seguintes: o mediano *Head First* e o execrável *Equator*. Dava pra perceber o constrangimento de Mick Box, obrigado pelo mercado que lhes era cada vez mais hostil, a balançar a cabeça como um mongolóide em "Rockarama", canção carro-chefe de *Equator*. Melhor lembrar de seus grandes momentos, como no solo da suíte "Salisbury", lá em 1971. Ou mesmo a guitarra rápida e envolvente de "Too Scared to Run". (S.A.)

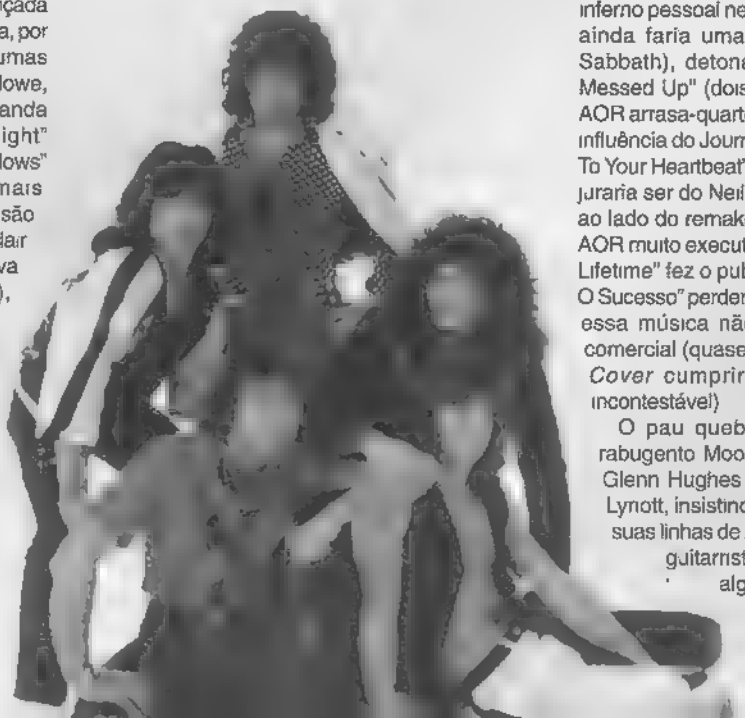
RAINBOW "BENT OUT OF SHAPE" (1983)

Joe Lynn Turner é o vocalista que todos adoram odiar. Dono de um timbre de voz choroso e, por vezes, irritante, o cantor cai em desgraça onde quer que vá. Geralmente é acusado de se preocupar muito mais com o cabelo do que em fazer sua voz casar com o acompanhamento das bandas que participa.

Mas com Ritchie Blackmore foi bem diferente. Ocupando a vaga do playboy Graham Bonnet, Turner estréia no disco que faria o Rainbow entrar nos anos 80 (papo muito em voga naquela época, com a sonoridade oitentista sendo marcada pela readaptação do progressivo ao modelo vigente e pela reordenação em canções de mais ou menos quatro minutos): *Difficult to Cure*. Belas melodias, os mesmos excessos de Blackmore que faziam a alegria dos fãs, faixas mais comerciais alternando com faixas mais rápidas e pesadas. A fórmula rascunhada em *Down to Earth* sendo lapidada. *Straight Between the Eyes* dava seguimento à fórmula.

Bent Out of Shape, nosso escolhido para esta lista e terceiro álbum com Turner no vocal, mostra o apogeu do Rainbow como banda AOR. "Street of Dreams" talvez seja a composição perfeita, a música que melhor soube capitalizar o estilo e fazer com que ele vire a cara da banda. Seria um hino daqueles tempos de óculos Ray-Bans, blazers finos e agrupamentos de uma nova e feroz raça humana: os yuppies.

"Can't Let You Go" é a outra grande faixa do disco. Melodia cativante que vai se impondo de onde menos se espera, até chegar ao refrão AOR por excelência. As outras faixas não fazem feio, principalmente "Desperate Heart", "Fool for the Night" e "Make Your Move". Pena que a dissolução foi inevitável com a reformulação do Deep Purple para o clássico *Perfect Strangers* (álbum que poderia estar nesta lista, caso fôssemos mais maleáveis). (S.A.)



GARY MOORE "RUN FOR COVER" (1985)

Do início dos anos 90 pra cá, o guitar hero de Belfast, Gary Moore, acançou o topo das paradas fazendo "Blues branco" pasteurizado e visando ganhar as coroas por aí. Quem viveu os anos 80 sabe que Moore tinha lugar de destaque no podium guitarreiro de qualquer moleque metido a músico, dividindo as honras com Eddie Van Halen, Randy Rhoads e Michael Schenker.

Visando conquistar principalmente o mercado norte-americano, Moore apostou no AOR em *Run For Cover*, lançado após uma seqüência de discos pesados como *Victims of The Future* e *Corridors Of Power*.

O time de estrelas dispensa comentários: Phil Lynott, Glenn Hughes, Don Airey, Bob Daisley e o especialista em ajudar bandas a "americanizar seu som e alcançar o estrelato", o multi-instrumentista Neil Carter (que já havia dado uma forcinha para o UFO). Até atrás da mesa de som as estrelas marcavam presença com nomes como Andy Johns, Peter Collins, Mike Stone e James "Jimbo" Barton, todos trazendo um curriculum invejável no quesito "produções platinadas".

Run For Cover pode também ser considerado uma das últimas aparições do grande Phil Lynott, líder de uma das maiores bandas dos anos 70, o Thin Lizzy (que contou com o próprio Moore na guitarra em algumas ocasiões). Lynott viria a falecer em janeiro de 1986 mas deixou duas pérolas nesse disco – "Out In The Fields", faixa irada de abertura, falando sobre as guerras religiosas corriqueiras na terra natal dos rapazes e "Military Man".

Glenn Hughes, apesar de estar vivendo um inferno pessoal nessa época (no ano seguinte ele ainda faria uma passagem relâmpago pelo Sabbath), detona em "Nothing To Lose", "All Messed Up" (dois exemplos de como fazer um AOR arrasa-quarteirão) e "Reach For The Sky". A influência do Journey pode ser sentida em "Listen To Your Heartbeat" (principalmente no solo que eu juraria ser do Neil Schon), baba-maior do álbum ao lado do remake de "Empty Rooms", outro hit AOR muito executado nas FMs por aí. "Once in A Lifetime" fez o publicitário do cigarro "Hollywood O Sucesso" perder o emprego, pois foi um absurdo essa música não ter sido usada no famoso comercial (quase todas as músicas de *Run For Cover* cumpririam a missão com louvor incontestável).

O pau quebrou nas gravações, com o rabugento Moore quase saindo no tapa com Glenn Hughes e batendo boca até com Phil Lynott, insistindo para que ambos gravassem suas linhas de baixo exatamente do jeito que o guitarrista queria. Fatos que de forma alguma ofuscaram o brilho desse clássico da década de 80.

Pérola Escondida (especial)

O Dust pode até ser "muito famoso" para figurar nessa seção. Alguns mais radicais já taxam o grupo como "mainstream" já que com a era digital os dois trabalhos da banda se tornaram clássicos entre aqueles que curtem Rock setentista. Apesar dessa "fama", muita gente ainda não conhece a obra desse genial trio nova-iorquino.

A escolha do Dust para figurar nessa seção da poeira Zine fica clara quando analisamos dois simples fatores.

Quando um garoto começa ir um pouco mais a fundo no Rock dos anos 70 e descobre que existem muito mais grupos além dos consagrados Led's, Purple's e Sabbath's da vida, o Dust funciona como uma porta de entrada para esse "Universo das obscuridades". Um Universo permeado por grupos que não deram certo, não foram famosos, não lotaram shows, não tocaram na TV ou rádio, mas que estão eternamente cravados na história do Rock.

O Dust é parada obrigatória para todo ser ávido por conhecimento roqueiro. A música do trio é a exata e tênue linha que divide os "famosos" dos "não famosos", é onde descobrimos que o lado de lá é tão rico e proveitoso como o lado de cá, apenas não é tão divulgado e reconhecido.

O segundo fator para incluirmos o Dust nesta seção compete ao fato de ser difícil compilar algo sobre a trajetória da banda. Mesmo na Internet não é tão fácil achar informações e material sobre a banda.

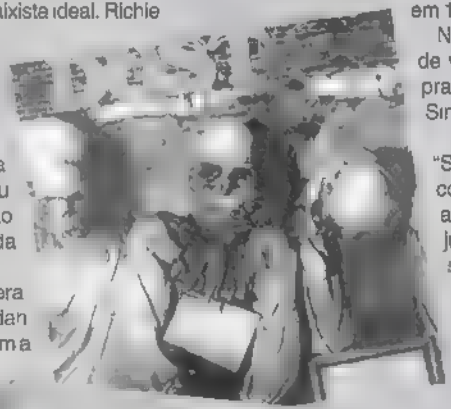
De quebra, e talvez o mais apetitoso disso tudo, seja a exclusiva que conseguimos com Marc Bell, o baterista do Dust, que desde 1978, se apresenta como Marky Ramone. O cara esteve no Brasil no primeiro semestre e atendeu a poeira Zine para um papo exclusivo sobre sua primeira banda, o Dust.

Bom, chega de conversa e vamos mais uma vez viajar pelo lado das bandas injustiçadas...

Dois moleques conviviam com a violência das ruas do Brooklin em Nova York ao mesmo tempo em que se deliciavam com discos das grandes bandas inglesas como o The Who, Stones, Cream, etc.

Richie Wise e Marc Bell eram muito jovens e quando não estavam na escola estavam ensaiando, tentando alucinadamente tirar as músicas dos ídolos. Nessa época (1968), Marc tinha apenas 13 anos de idade mas já tocava sua bateria como gente grande.

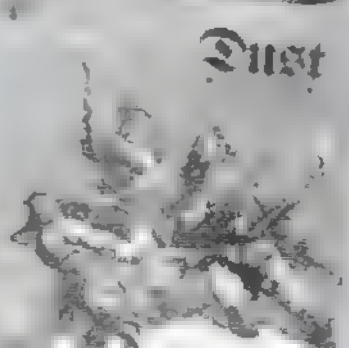
A dupla estava louca para começar a fazer shows pelos colégios da região mas demorou um pouco até acertarem a fórmula com o baixista ideal. Richie lembrou de um amigo maluco, que tinha até deixado o colégio para se dedicar "full time" à música, e resolveu formalizar o convite. Foi assim que em 1969, Kenny Aaronson se juntou a Richie Wise e Marc Bell, formando a banda Dust.



Depois de árduos e longos ensaios diários a banda resolveu investir em demo-tapes. Uma delas chamou atenção de Dominic Facilla, um italiano espertalhão que passou a empresariar e a tomar conta de cada passo dado pelos garotos.

Dominic até que tinha bons contatos e um deles era com Neil Bogart, o executivo que dirigia o selo Buddah Records, uma facção mais "ousada" do selo Kama Sutra. Apesar dessa direção mais ousada, a Buddah era famosa por ter em seu cast grupos caretas e bubble-gum como o Ohio Express e o 1910 Fruitgum Company. Já do lado mais garageiro, os Lemon Pipers honravam a recém criada estampa.

Em 1969, com o Bubble Gum em franca decadência, Bogart se ligou que os tempos estavam ficando cada vez mais pesados. Charles Mason, Vietnã, Woodstock, o fim dos Beatles e o sucesso radiofônico de bandas proto-Heavy Metal como o Blue Cheer, Vanilla Fudge, Iron Butterfly e Led Zeppelin deixavam claro que Bogart teria que reformular seu selo se quisesse acompanhar o gosto da moçada.



Na procura desesperada por uma banda pesada, o Dust correspondeu as expectativas de Bogart. Eram violentos, adolescentes e bons músicos. Outro diferencial na carreira deles era que Richie Wise tinha um amigo de longa data, Kenny Kerner, um hábil letrista / compositor / produtor, que passaria a assinar ao lado de Wise várias composições do Dust.

Com um bom contrato assinado, testam o mercado com um compacto, *Stone Woman*. Uma paulada trazendo Aaronson no baixo e nos slides. A faixa pintava em duas versões, uma estéreo e outra mono. Naquele início da década de 70, na América, quase nenhum outro grupo era tão pesado como o Dust. Isso ficou claro quando, em 1971, saiu o primeiro e homônimo disco do trio.

Na capa criada por Dominic, uma foto com três crânios de verdade chocava quem passava despercebido pelas prateleiras das lojas, habituadas a expor discos de Carly Simon e Carole King.

Pauladas faziam jus a capa como "Chasin' Ladies", "Stone Woman", "Love me Hard" e a instrumental, composta por Kenny Aaronson, "Loose Goose", uma faixa a la Motorhead em pleno ano de 1971! Alguns podem até jurar que Lemmy ouviu muito essa música antes de formar seu power trio em 1975.

Na contra capa do elepê, um camelo ressaltava o lado mais progressivo do Dust, uma alusão clara a faixa "From a Dry Camel", quase dez minutos de pura e pesada orgia psicodélica. "Goin' Easy" capricha no Blues (alguém aí falou em Foghat?) e "Often Shadows Felt" aposta numa melancolia esperta, criando um belo clima para a excelente estréia.

Fracasso total de vendas, o disco serviu mesmo para colocar a banda numa tour com o Alice Cooper Group.

Marc era apenas um garoto de 16 anos de idade. Era difícil agendar shows fora de Nova York. Alguns bares não permitiam menores em cima do palco, e isso dificultou bastante as "gigs" do Dust.

Com Wise e Kerner cada vez mais esfuziantes e dedicados às novas técnicas de produção e gravação, o segundo disco estava sendo gerado com muito mais cuidado, tempo e esmero.

Marc Bell é Marky Ramone!

Marky Ramone assume seu passado com o Dust e conta a trajetória do power trio

O Bel Studios em Nova York foi novamente utilizado e no começo de 1972 saiu *Hard Attack*, um verdadeiro ataque sonoro!

O Trio contava dessa vez com um tecladista de apoio em algumas faixas, Fred Singer, líder do grupo obscuro Thog. Arranjos de cordas foram conduzidos por um tal de Larry Wilcox (será que é o cara do Chip's?).

Apesar de tanta pompa e calmaria demonstrada em temas como "Thusly Spoken", "How Many Horses" e "I Been Thinkin", o peso marca presença de forma mastodôntica em "Ivory" (essa você ouve e pensa: "É mesmo Marky Ramone na batera? O cara "desaprendeu" a tocar no Ramones então..."), "Learning To Die", "Pull Away/So Many Times" e "Suicide", essas duas últimas trazendo um primor de atuação do baixista Kenny Aaronson, sem dúvida um dos maiores baixistas da história do Hard Rock.

Com tantos problemas e dívidas, o trio encerra as atividades naquele mesmo ano, não muito depois do lançamento de *Hard Attack*.

Neil Bogart criou uma gravadora totalmente sua, a Casablanca Records, e descobriu uma enorme fonte de renda, o Kiss. O tão procurado grupo pesado que lhe traria fama e fortuna. Para produzir os dois primeiros discos da banda, ninguém melhor do que Richie Wise e Kenny Kerner (no *Hotter Than Hell* eles arruinaram todo o prestígio que tinham com Bogart, gravando o disco de forma amadora e desleixada, deixando a mixagem até com uma leve falha na rotação, mas isso é assunto para outra matéria).

Kenny Aaronson foi tocar com o Stories e depois se tornou músico requisitado no circuito roqueiro norte-americano, passando pelas bandas de Leslie West, Rick Derringer, Edgar Winter, Bob Dylan, Billy Squier, Sammy Hagar e Billy Idol. Teve até uma passagem meteórica pelo Foghat e pelo Blue Öyster Cult.

Depois do fim do Dust Marc Bell gravou um disco com o Estus, outro desconhecido grupo dos EUA que ficou somente no disco de estréia de 1973. Passou a acompanhar alguns blueseiros malditos até virar Punk e ir fazer um teste para substituir Billy Murcia nos New York Dolls (Murcia tinha morrido de uma overdose no meio da primeira tour inglesa dos rapazes). Não descolou o cargo, indo parar na banda de Wayne County (rocker-transformista, cuja história serviu como base para o filme *Hedwig ~ Nasce Uma Estrela*). Depois Marc foi tocar com Richard Hell, outro ícone da cena Punk nova-iorquina, até ser escalado para os Ramones em 1978, mudando seu nome para Marky Ramone.

Dois excelentes álbuns e pouco mais de três anos de atividade foram suficientes para colocar o Dust em lugar de destaque no Rock, principalmente para quem curte desbravar o estilo mais a fundo e refletir sobre como um grupo tão bom pode ter passado completamente batido aos ouvidos da época.

Eu sabia que não seria tarefa fácil...mas foi!

É sabido e até bastante comentado que Marky Ramone não curte muito falar sobre seu primeiro grupo, o Dust. Talvez pelo fato do cara ser um ícone do Punk Rock mundial, idolatrado por um exércitos de garotos inábeis musicalmente falando, ele não quena ser associado a um grupo Hard/Progressivo como o Dust. Se o Ramones foi influente ao extremo pra toda uma geração Punk, o Dust se tivesse obtido o merecido reconhecimento em sua época teria o mesmo valor referencial para o Metal dos anos 80. Basta ver as capas e o som metálico do trio para comprovar tal afirmação.

Amigos e companheiros de profissão confessaram que Marky sempre fazia cara feia ao autografar algum disco do Dust, e que até se recusava a responder alguma pergunta referente ao período.

Uma bela tarde toca o telefone da minha casa e escuto: Oi Bento, aqui é o André Christovam! Cara, eu estou aqui com o Marky e falei da poeira Zine para ele! Sugeri uma matéria sobre o Dust e ele topou em fazer uma entrevista já que a poeira é especializada no rock dos anos 70!f

Depois dessa cantadaf do André no Marky, falar com o cara foi como tirar doce de uma criança...

O resultado do papo exclusivíssimo está aí...

---

poeira Zine - Hoje em dia o Dust é idolatrado, inclusive aqui no Brasil, por uma série de seguidores do Hard Rock dos anos 70. Porém, na época o trio passou completamente despercebido do grande público. A América do início dos anos 70 não estava preparada para uma banda como o Dust?

Marky Ramone – O Dust foi uma das primeiras bandas de Hard Rock/Heavy Metal da América. Nessa época, a única banda de Metal que o público conhecia era o Black Sabbath e talvez o Deep Purple. Pra mim o Led Zeppelin nunca fez Heavy Metal, eles eram uma banda de Blues-Rock ..então nós não tínhamos muitas bandas de Heavy Metal nessa época...

O mercado norte-americano não estava preparado para bandas tão pesadas como o Dust! E tinha também o fato de sermos muito jovens e ainda estudantes quando lançamos nossos álbuns. Para um menor de idade tocar fora de sua cidade era preciso estar acompanhado de seus pais. Seria impossível, ca'r na estrada levando pai, mãe e a família toda.

A década de 70 demorou um bocado para assimilar bandas pesadas como o Dust...

pZ - Sendo o grupo mais pesado contratado pela Buddah Records, eles apoiavam vocês ou rolava um tipo de preconceito pela violência sonora que vocês apresentavam?

MR – Eles ficaram um pouco magoados por sermos tão jovens e ficou claro que teríamos problemas em função disso. A gravadora não tinha nenhuma atração mais pesada em seu cast, eram famosos por lançar grupos bubble-gum e ostros do soft rock, então ficou claro que o Dust seria recriminado de alguma forma. Nosso som era assustadoramente pesado para os padrões da Buddah e para os padrões da América em geral.

pZ - Vocês chegaram a ter problema por causa da mórbida e chocante capa do primeiro disco?

MR – Posso te garantir que fomos também uma das primeiras bandas a colocar um crânio de verdade numa capa de disco. Se não fomos a primeira estamos pelo menos no Top 3! Isso nos causou muitos problemas. Aquela capa é real, são crânios de três mineiros mexicanos. Chocamos o mercado fonográfico com ela.

pZ - Vocês chegaram a fazer muitos shows na época? Abriram para alguma grande banda e chegaram a tocar fora do circuito de Nova York?

MR - Não fizemos tantos shows como deveríamos. Nossa tour de maior repercussão foi ao lado do Alice Cooper Group. Agora sair de Nova York era complicado por causa da nossa idade.

pZ - Quais dos dois discos você gosta mais (*Dust* ou *Hard Attack*)?

MR – Eu gosto de ambos, porém acho a produção do *Hard Attack* melhor. Tínhamos boas músicas nos dois álbuns! "From a Dry Camel" é a minha favorita do primeiro e do segundo escolho "Pull Away" e "Suicide" como as melhores.

pZ - Seu estilo de tocar mudou bastante depois do Dust. Você se encheu do Hard Rock ou no fundo você sempre foi um "punk rock drummer"? Muitas pessoas falam que você "esqueceu" como tocar bateria na época dos Ramones! (nota: até agora eu não acredito que de essa "alfinetada" no cara!)

MR – Eu posso fazer muitas coisas diferentes com a minha bateria. Posso tocar diversos estilos musicais. O que eu não quero é ficar encaixado numa determinada categoria. Desde muito jovem eu aprendi a me adaptar a estilos diferentes

pZ - Existe a possibilidade de rolar uma reunião do Dust, nem que seja para um único show?

MR – De jeito nenhum! Seria Impossível. O que posso te garantir de novidade sobre o Dust é que lançaremos no ano que vem uma edição comemorativa contendo os dois álbuns num só CD. Será uma edição capricchada com um encarte especial: fotos inéditas, novas "liner notes", e quem sabe, até algumas faixas extras, sobras de estúdio

pZ – Falando em sobras, e aquele boato sobre um terceiro disco do Dust? É verdade que quando vocês encerraram as atividades, em 1972, um terceiro e até hoje inédito disco tinha sido finalizado?

MR- Bom, essa é uma lenda muito poderosa para eu desmistificar assim em tão poucos minutos...(risos)

Acima: Marky no Ramones. Mais abaixo com o amigo Peter Criss e com os Voidoids de Richard Hell

Essa eu duvido que você sabia...

Gene Simmons do Kiss afirmou publicamente que roubou de Richie Wise a famosa careta com a língua de fora, uma de suas marcas registradas. Richie tinha essa mania e em todo show do Dust ele se apresentava com o linguão de fora. Simmons, dono de uma língua avantajada e fã de carteirinha do Dust, não deixou barato imitando os hábitos de seu amigo-produtor

Richie Wise estava num show do Experience no Fillmore East, em 1968. No fim do espetáculo, Hendrix espatifou sua guitarra e jogou os destroços para o público. Richie Wise acabou ficando com os captadores da guitarra de Hendrix. O mais curioso é que Wise acoplou essas relíquias na sua Gibson SG e gravou os dois álbuns do Dust, além de tocar em todos os shows do trio com a "captação sagrada" do mestre

No começo de carreira, o pessoal do Dust não tinha grana para comprar equipamento. Ainda adolescentes, os caras começaram a fazer alguns shows e não tinham sequer aparelhagem de palco. O jeito era sair caçando equipamentos na casa de amigos e levar tudo para o palco, que parecia um Frankstein, devido a tantos modelos diferentes de caixas, cabeçotes, monitores, microfones, guitarras e baixos.

O famoso fotógrafo Bob Gruen declarou que o Dust sempre foi uma de suas bandas preferidas. Ele acompanhou toda a trajetória do trio e garantiu que em 1971, o som pesado mais aterrorizador não vinha da Inglaterra com o Sabbath, mas sim dos porões de Nova York com o som do Dust. Um dos primeiros trabalhos de Bob Gruen pode ser conferido no encarte do vinil *Hard Attack*, de 1972

O artista responsável pela histórica capa de *Hard Attack* é Frank Frazetta, cartunista também responsável por uma série de gibis do *Conan, o Bárbaro*

Falando em Conan, o grupo "farofa-besuntado" Manowar copiava o Dust em praticamente tudo. Desde o visual "Conan" até o timbre dos instrumentos. O baixista Joey De Maio confessou que adora o trio e que o som de baixo tirado pelo Rickenbacker de Kenny Aaronson em musicas como "Suicide" lhe tirou o sono durante um bom tempo. O timbre de Kenny também influenciou gente como Lemmy Kilmister do Motorhead, basta ouvir "Loose Goose" do primeiro disco do Dust para sacar

Realmente existe um registro ao vivo do Dust. Em algumas enciclopédias roqueiras, consta um disco ao vivo, que chegou até ser editado em formato vinil, porém ele é pirata e de péssima qualidade sonora. Trata-se de uma apresentação no Brooklyn de 19/11/1971, onde o trio quebra tudo e mostra até três composições inéditas, provavelmente temas que estariam no terceiro disco de estúdio que não vingou.

CAPTAIN TRIPS
João Pacheco
Rock dos anos 60, 70, e 80
jmcpacheco@hotmail.com
CD's & LP's / Compra - Venda - Troca
Todos os sábados das 09:00 às 18:00 hs
Pça. Benedito Calixto (rua dos discos) - Pinheiros
(entre a Cardeal e a Teodoro) - São Paulo - SP

Barraca do Diaz LP's
Raridades do mundo da música
Rock anos 60 e 70 - Bossa Nova - Soul Music
MPB - Jazz Rock etc.
Compra - Venda - Troca
Todos os sábados das 09:00 às 18:00 hs
Pça. Benedito Calixto (rua dos discos) - Pinheiros
(entre a Cardeal e a Teodoro) - São Paulo - SP

A BANDA TROPICALISTA DO DUPRAT

UM MARCO QUE O BRASIL TEIMA EM CONTINUAR ESQUECENDO

Quantos milhares de discos produzidos em nosso território ainda ficarão jogados à margem da obscuridade?

Uma quantidade imensa de trabalhos geniais continuam perdidos por aí, sem merecer sequer um lançamento digno em formato digital. Os LPs desses nossos gênios acabam (como sempre) indo parar na mão de um colecionador japonês ou inglês, que desembolsa uma verdadeira fortuna para arrematar a relíquia.

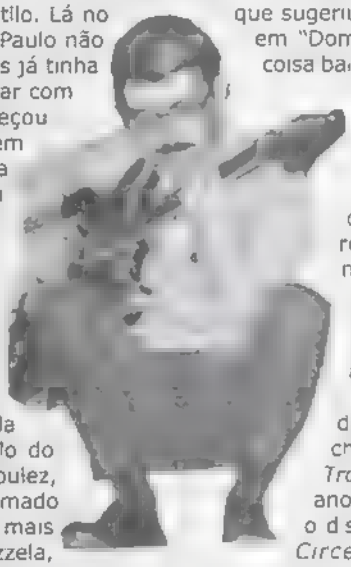
A Banda Tropicalista do Duprat é um desses casos.

Nunca é demais falar sobre a importância desse maestro na história do Rock Brasileiro. Ele que foi o grande responsável por romper com afinco as barreiras entre a música erudita e a popular.

Rogério Antônio Silvestre e Silva Duprat foi um dos primeiros músicos "multimídia" do mundo. Nunca se prendeu a um determinado estilo. Lá no início dos anos 50, ser músico de destaque da Sinfônica de São Paulo não bastava para pagar as contas. Duprat casou jovem e com 21 anos já tinha uma filha. Para colocar comida na mesa do lar o jeito era trabalhar com artistas mais populares que venderiam discos na certa. Começou também a compor trilhas de filmes e de especiais para a recém inaugurada televisão. Começou a trabalhar de fazer arranjos para os contratados da gravadora Vitela Santos (VS). Nesse clima travou contato com os primeiros roqueiros do Brasil como Baby Santiago, The Rebels, The Hits e Albert Pavão.

Com medo de arruinar sua carreira erudita (o maestro até fez um curso de música moderna em Darmstadt, na Alemanha, tendo Frank Zappa como colega de classe), assinou o arranjo de uma versão de Albert Pavão (para "Twenty Flight Rock", de Eddie Cochran, batizada de "Vigésimo Andar"), com o pseudônimo "Rudá", o nome de um de seus filhos.

Duprat queria tirar a música erudita dos teatros finos e levá-la para as ruas, queria criar junto do povo e dos jovens. Discípulo do pessoal da música de vanguarda européia, admirador de Pierre Boulez, Stockhausen e do concretista John Cage, Duprat vinha com tudo armado na sua cabeça. A revolução tinha data pra começar (Quer coisa mais revolucionária que isso: em 1963, ao lado do maestro Damiano Cozzela, fez os primeiros experimentos musicais com um computador no Brasil, utilizando um IBM 1620 que ocupava três salas enormes).



Com os Beatles e os Festivais, o terreno musical ficou propício as ousadias de Duprat. O nosso George Martin passou a caçar seu próprio Beatles local. A saída foi vasculhar grupelhos da Jovem Guarda que pudessem colocar em prática seus experimentos ousados. Estava difícil, o pessoal estava mais preocupado em fazer versões das bandas inglesas do que criar algo novo. Tudo muda quando Duprat bate de frente com os Mutantes, a única banda que segundo ele "fazia Beatles igualzinho aos Beatles" e que já tinha material próprio.

Duprat passou a abrir as portas de todas as novas tendências que surgiam na nossa música popular. Se o momento fosse importante para nossa história, Duprat estava envolvido. Exemplo disso: o maestro que sugeriu a Gil colocar uma banda de Rock em "Domingo no Parque", misturar aquela coisa baiana com o Rock. Os Mutantes eram petulantes e inseriam guitarras na careta música sertaneja, Chacrinha virou ídolo "cult" e Duprat foi o primeiro maestro a desmistificar a pompa de sua classe. Orquestração sugeria algo refinado e caro, pouco acessível à maioria do povão. Tudo mudou quando Duprat surgiu trazendo a orquestração para uma nova época, popularizando-a e falando a mesma língua dos jovens.

Em agosto de 1968, pouco depois do primeiro álbum dos Mutantes chegar nas lojas, é a vez da *Banda Tropicalista do Duprat*. (Naquele rico ano a nda sairia outro filho de Duprat, o disco-manifesto *Tropicália - Panis Et Circensis*, cuja capa estampava o maestro segurando um penico!).

ZOYD MUSIC

CD - Vinil - DVD
Encomendas / Imports

zoyddiscos@uol.com.br
Rua 24 de Maio, 116 - Sobreloja 16
São Paulo - SP - fone: (11)3362-1116

DISCO 7
(VINIL)
Compra e Venda
Discos Nacionais Anos 60 e 70
Rock Anos 70

www.disco7.com.br
disco7vinil@ig.com.br

Fones: (11) 3231-1193/9889-2860

Galeria Nova Barão
Rua 7 de Abril, 154 (Rua Alta nº 24)
São Paulo/SP

Blackbird
Music Shop
www.blackbird.com.br

CDs, DVDs e Livros

Rock anos 60 e 70
Beatles - MPB

Telefax: 3141-9690

Av. Paulista, 1499 - loja 52
Galeria Trianon - Piso Casa Branca
São Paulo - SP

"Foi a união da fome com a vontade de comer. Estávamos todos a fim disso aí. Não é que eu fiquei dando aula para eles; ao contrário, eu que aprendi pra burro com os Mutantes, com o Gil, com o Caetano e com todo mundo."

Rogério Duprat *(Depoimento extraído do site sentor.f)*

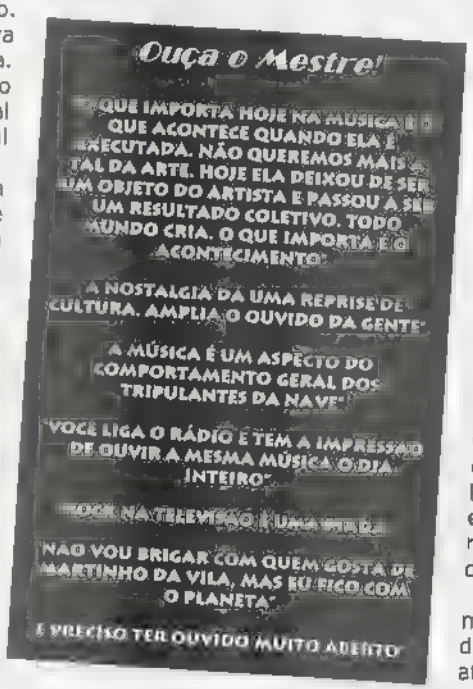
Como todo grande disco começa pela capa, a *Banda Tropicalista do Duprat* é junto da capa de *We're Only In It For The Money*, de Frank Zappa e os Mothers, a primeira sátira a famosa capa de *Sgt. Peppers* dos Beatles. Se na capa original dos Beatles várias celebridades ícones da cultura Pop marcavam presença, na versão brazuca não poderia ser diferente. Temos um mestre-sala e uma porta bandeira, uma garrafa de pinga, praia, uma índia e bananeiras por todo lado. No bumbo da bateria o rosto do maestro se ava uma das mais bacanas capas da música brasileira. O autor da capa é totalmente desconhecido. Não consta nenhum crédito ao coitado no elepê original e o próprio Duprat até hoje não sabe quem fez tal obra de arte.

A contra-capa trazia Duprat em cima de uma mesa com pose de super-homem, idéia essa que deixou o maestro vermelho de raiva. A pressão da Phillips era enorme, sendo que Duprat gravou esse álbum totalmente a contragosto. A gravadora queria aproveitar o embalo da "onda Tropicalista", inaugurada pelo Nélson Motta em janeiro daquele ano no jornal Última Hora.

Como o lance da gravadora era vender disco e um projeto de música popular orquestral dificilmente venderia por si só, forçaram Duprat a incluir músicas internacionais mais comerciais no repertório do disco, como a versão de "The Rain, The Park and Other Things" do The Cowsills.

Apesar de Duprat trabalhar com tanto desgosto, o resultado final é esplendoroso. Os Mutantes marcam presença em três faixas ("Canção Para Inglês Ver/ Chiquita Bacana", "The Rain, The Park And Other Things" e "Lady Madonna" dos Beatles) e colaboram também com idéias para os arranjos. A essa altura dos acontecimentos, Duprat já não estava muito preocupado com dinheiro, queria apenas fazer música simples, divertida e, ao mesmo tempo, experimental.

"Judy In Disguise" mistura metais, cuíca, buzina de carro e muita malandragem. "Honey/ Summer Rain" soa como Jovem Guarda só que esbanjando requinte, assim como em outros medleys orquestrais: "Canto Chorado/Bom Tempo/Lapinha", "Ele Falava Nisso Todo Dia/ Bat Macumba/ Frevo Rasgado". Escola de Samba, arranjo de cordas e guitarras, tudo trabalhando junto sem um mínimo resquício de preconceito.



Outro ponto alto são as versões "cinematográficas" de "Flying" dos Beatles e "Baby" de Caetano Veloso. "Chega de Saudade" deixa qualquer gringo com vontade de ser brasileiro.

Duprat marcaria ainda presença nos quatro primeiros e geniais discos dos Mutantes. Não é a toa que aquilo tudo ainda é (e sempre será) o que o nosso Rock tem de mais inventivo e autêntico.

Além dos Mutantes, o maestro trabalhou também com Chico, Gal, Caetano, Gil, Brazilian Octopus, O Bando, Walter Franco, Tom Zé, O Terço, Alceu Valença e Geraldo Azevedo, Sá & Guarabira, 14 Bis e muitos outros. Seu estúdio Vice-Versa, situado no bairro de Pinheiros, em São Paulo, marcou época e foi cenário de muitas gravações históricas, tanto de discos como de jingles, durante a década de 70.

Aos poucos foi abandonando o mercado musical devido a problemas auditivos e de saúde e se mudou para um sítio afastado.

DISCONEXUS
www.disconexus.com.br
CDs Novos & Usados
Pop - Rock - MPB
Jazz - Instrumental
Alternativos e Independentes
Compra - Venda - Troca
Fone/Fax: 3081-7664
Rua da Consolação, 2682
(entre as Alamedas Santos e Jaú)

Empório Das Letras
Sebo

LPs - CDs - Livros - Gibis
Usados e Raros - Compra e Venda
Rua Antônio Raposo, 226 - Lapa
Tel: (11) 3831-4899
Av. Mazzei, 253 - Tucuruvi
Tel: (11) 6204-3270
Av. Pe. Antônio José dos Santos, 1208
Brooklin - Tel: (11) 5506-0483

Viva Rock Discos
Uma boa opção para quem procura qualidade e variedade
Grande acervo de Cd´s, Lp s, Vhs, Dvd´s, Camisetas, Bandeiras, Moletons, etc...
ROCK EM GERAL
TODAS AS ÉPOCAS E ESTILOS
E também JAZZ, REGGAE, BLUES, BLACK MUSIC (nac/int), MB (Música Brasileira)
www.rivarock.com.br
RUA LUZITANA, 1498
CENTRO F:(19) 3237-4945
CAMPINAS - SP- BRASIL

O Colecionador Wagner Xavier

E SUAS MALUQUICES NO MUNDO DOS DISCOS

fotos: Toni de Gomes

poeira Zine – *Quantos discos você tem?*

Wagner Xavier – Quantidade é algo que não me preocupa. Eu já tive muito disco. Hoje eu só quero ter o que realmente eu curto e o que eu sei que ainda vou ouvir. Tenho 4.000 discos, divididos entre LPs e CDs.

pZ – *Quais estilos musicais você coleciona?*

WX – Rock dos anos 70 é minha especialidade. Hard e Progressivo de 1968 até 1977. Prefiro me aventurar nesse estilo e ficar nesse "mundo". Se eu cair no Jazz, por exemplo, estou perdido, não tem fim e nem espaço para guardar tudo. Curto também muita coisa nova, bandas dos anos 80, 90 e mesmo novos sons que pintam por aí.

pZ – *Quais os mais raros?*

WX – Houston Fearless, Granmax com o vinil branco, Holy Moses, o *Imagination Lady* do Chicken Shack, o primeiro do Hydra, todos do Groundhogs originais ingleses, Indian Summer e Silver Metre originais, o *Tons of Sobs* do Free com uma capa diferente. Interessante é um disco de 1974, de uma banda chamada Growl, cuja capa foi copiada do Secos & Molhados, lançado um ano antes.

pZ – *Qual a ordem em que você guarda os discos?*

WX - Eu divido tudo por estilos. Hard, Southern,Progressivo, MPB, Blues, Folk, Pop anos 80, Cantores, Reggae, Punk, Psicodélicos, Rock dos anos 60 e Neil Young e Bob Dylan, que para mim é um capítulo a parte. Dentro de cada estilo a ordem é alfabética.

pZ – *Qual foi o primeiro disco que você comprou?*

WX – Quando eu tinha 11 anos de idade a minha mãe mandou eu ir buscar uma grana emprestada com o meu tio, que era para a gente comprar comida. No meio do caminho, eu passei por uma loja e vi o *Gita,* do Raul Seixas, na vitrine. Nem pensei muito, comprei o disco e voltei pra casa. Apanhei da minha mãe e fiquei sem comer, mas pelo menos eu comprei o disco (risos). Hoje eu nem tenho mais esse álbum. Outro que mexeu comigo no começo foi o *Made In Europe*, do Deep Purple. Eu só tinha esse Purple e ficava ouvindo-o dia e noite, fiquei fascinado pela banda.

pZ – *E qual a última aquisição interessante?*

WX- Nine Days Wonder, Titus Groan, Sandy Denny e o The Old Man & The Sea.

pZ – *Tem algum disco que já passou pela sua mão e você se arrepende até hoje de não ter ficado com ele?*

WX – Um que eu me arrependo até hoje de não ter comprado é o disco do Cargo. Durante uma viagem de férias, eu estava numa loja e comprei muita coisa. No final, acabei trazendo até disco do Joe Cocker e deixei o Cargo lá! (risos) Nunca mais vi esse disco!

pZ – *Onde você costuma comprar discos?*

WX – Tem um amigo meu que mora nos EUA e sempre me manda uns discos bem legais. Eu curto muito vasculhar em lojas de discos. Qualquer lugar que eu passo eu procuro por uma loja ou um sebo. Já comprei disco do Frank Marino numa lojinha no Pelorinho, no meio da semana santa! (risos)

pZ – *Qual a melhor prensagem de disco de vinil?*

WX- A prensagem inglesa é a melhor. A brasileira eu acho péssima. Evito ter discos com prensagem nacional. A grande maioria da minha coleção são de discos importados.

pZ - *Qual o selo que mais te impressiona?*

WX – O da Polydor vermelho e o da Atlantic. Adoro também o selo da Capricom Records, especializado em Rock Sulista. Qualquer coisa que foi lançada nesse selo é bom!

pZ – *Quais são os cinco LPs que você levaria para uma Ilha Deserta?*

WX – 1) *Beatles For Sale* dos Beatles, 2) *Blood On the Tracks* do Dylan (um disco pra ilha, literalmente...), 3) *Who Do Think We Are* do Deep Purple, 4) *Harvest* do Neil Young, 5) *A Todo Vapor* da Gal Costa.

pZ – *Qual disco você daria para o seu pior inimigo?*

WX – Eu daria o melhor do Three Dog Night (risos). (Nota do editor: nesse instante eu lembro e comento com o Wagner que há um tempo atrás ele me deu um disco do Three Dog Night de presente! O famoso presente de grego!)

pZ – *Que disco da sua coleção você esconde temendo represálias?*

WX – Uma coletânea do Neil Diamond e alguns discos do Elton John.

pZ – *A volta do vinil é pra valer?*

WX – Gostaria muito que fosse, pois não tem preço a satisfação de pegar aquele bolachão na mão, mas acho inviável essa volta. Dificilmente a indústria irá retroceder para algo que deixou de estar em grandes lojas. Acho que ficará cada vez mais restrito a nós, colecionadores.

"As vezes eu vou ver TV e penso: Ao invés de estar vendo televisão eu poderia estar ouvindo um disco que eu ainda não ouvi! Rola uma certa pressão para ouvir as últimas aquisições. Tem vezes que eu pego um disco na mão e sinto que não dei a devida atenção à ele, apenas ouvi 'por cima' e guardei."

Seboland Compra e Venda

LP's e CD's Usados

Enviamos para todo o Brasil via correio

Av. Inconfidência Mineira, 1390 - fone: (11) 3455-5667
Vila Carrão - São Paulo - SP

SEBOSSAURO Discos

Compra & Venda
Todos os Gêneros

Atendemos via correio para todo o Brasil

LP's - CD's - DVD's - Fitas - Revistas - Etc.

Av. Rio das Pedras, 180 (Próximo ao Terminal Vl.Carrão)
São Paulo/SP - Cep:03452-000 - Fone: (11) 6785-5566 / 9850-2719

Hard Road Rock

CD'S - DVD'S
Camisetas - Bandeiras
e Acessórios

A único loja em São Sebastião especializada em Rock n' Roll & Heavy Metal
Av. Guarda Mor Lobo Viana, 1224 - Centro - São Sebastião - SP
Fone: (12) 3892-3869 / hardroadrock@speedmax.com.br

Tradição Rock Wear

Camisetas sob encomenda - desenhadas e pintadas à mão
Vista a sua exclusividade - Todos os Gêneros
35 anos de Art Rock
fones: 11 - 3986-3709 / 11- 8364-5765 c/ Serginho

CONFEITARIA

Bolos - Doces - Salgados

Aceitamos encomendas para festas !

3885-8878
3887-9319
3887-4886

SÃO GABRIEL

Av. São Gabriel, 416 - Jd. Paulista

Dr. Rock

A serviço e apoio constante ao Rock

dr.rock@vivax.com.br

Santo André - SP

VENTANIA

www.ventania.com.br

COMPRA e VENDA

LP's - CD's - DVD's - Livros e Revistas

Rua 24 de Maio, 188 - 1º sobreloja - Conjuntos 113/115/117
Fone: (11) 222-6273 - Fax: (11) 3337-2807
São Paulo - SP

CÂMBIO CULTURAL

compra - venda - troca

dvd's - cd's - lp's - revistas - posters
adesivos - cifras - etc.

Av. XV de Novembro, 271 - Santo André - SP
e-mail: mlomazi@ig.com.br (11) 4432-3968

WHO Digital Studio

Filmagem de eventos
Book Fotográfico e Digital
Fone:(11) 3873 9258
e-mail: whodigital@hotmail.com

Laticínios Nossa Roça

Fone/Fax: (11) 4412-8567

Estrada Boa Vista, Km 9 - CX.P. 396
Cep 12940-000 - Atibaia - SP

O mais completo site de Rock!

http://whiplash.net

ATUALIZADO DIARIAMENTE

Confira a coluna da poeira Zine na Whiplash

Blue Sonic

Psicodélico
Hard Rock
Progressivo
Jazz Rock

captainray@bol.com.br
Rua 7 de Abril, 154 - Rua Alta, Loja 44
São Paulo - SP - fone: (11) 3151-4524

nuvem nove

COMPRA VENDA E TROCA

CDs LPs DVDs

ANOS 50, 60 e 70
Hard Progressivo Psicodélico Metal

Rua Clodomiro Amazonas, 128 - Itaim Bibi - São Paulo - SP
Fone: (11) 3078-7051 www.nuvemnove.com.br

free note

Rua Teodoro Sampaio, 785 - Pinheiros
Fone:(11) 3085-4690 São Paulo - SP

O GARIMPO®

Restaurante
Bar & Choperia

As melhores bandas de Classic Rock toda quinta feira
com a gravação do programa Kiss Club da Rádio Kiss FM (102,1)

Confira a programação completa no site www.ogarimpo.com
Rua da Matriz, 136 - Centro Histórico - Embu das Artes - SP
Telefones: 11-4704-6344 / 11-4781-1215
e-mail: ogarimpo@uol.com .br - Site: www.ogarimpo.com

Studio Latitude

Sala com 24m^2 - Gravações ao vivo ou por canal - Ensaios - Produção musical - Spots - Jingles

Gravação
AO VIVO
R$ 30,00/h

Gravação em
PRO-TOOLS
R$ 40,00/h

Rua Mauricio Francisco Klabin, 273 - Próximo ao metrô Vila Mariana - (11) 5083-3979 - 8244-5864

Profissionais formados pelo IAV, a melhor escola de áudio do país.

Sebo Jovem Guarda

A Vanguarda em Sebo

www.presentesdopassado.com.br

Discos de Vinil, Compactos, Livros, Gibis,
Revistas da época, Instrumentos musicais antigos,
Raridades musicais e Antiguidades. O maior acervo de discos do Brasil

Compra - Venda - Troca
Pagamos à Vista - Atendimento à domicílio

Rua da Moóca, 3401 / Rua Dos Trilhos, 1212 - Moóca - São Paulo - SP
fones: (11) 6606-0127 / 6601-2748